

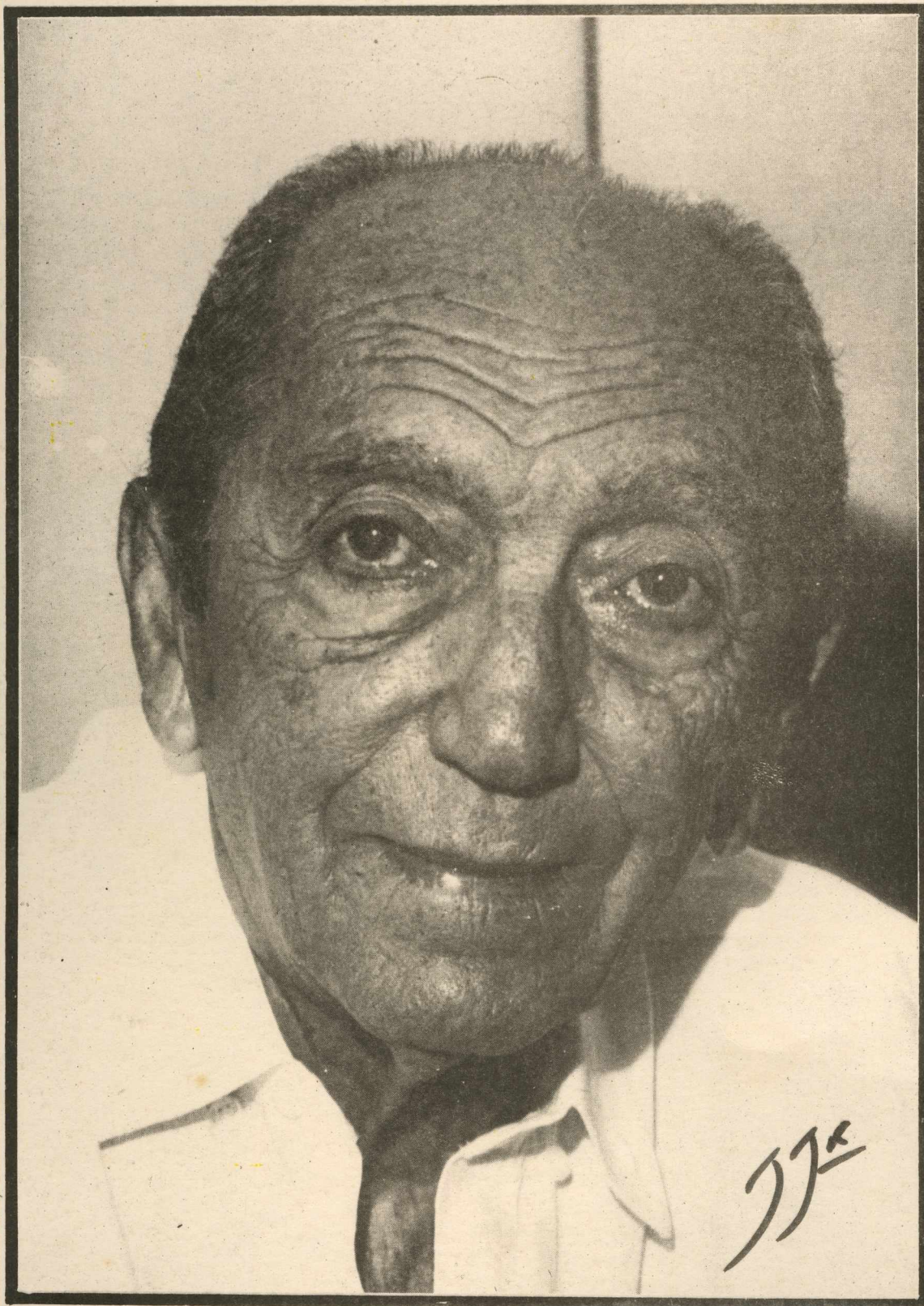


REVISTA CULTURAL

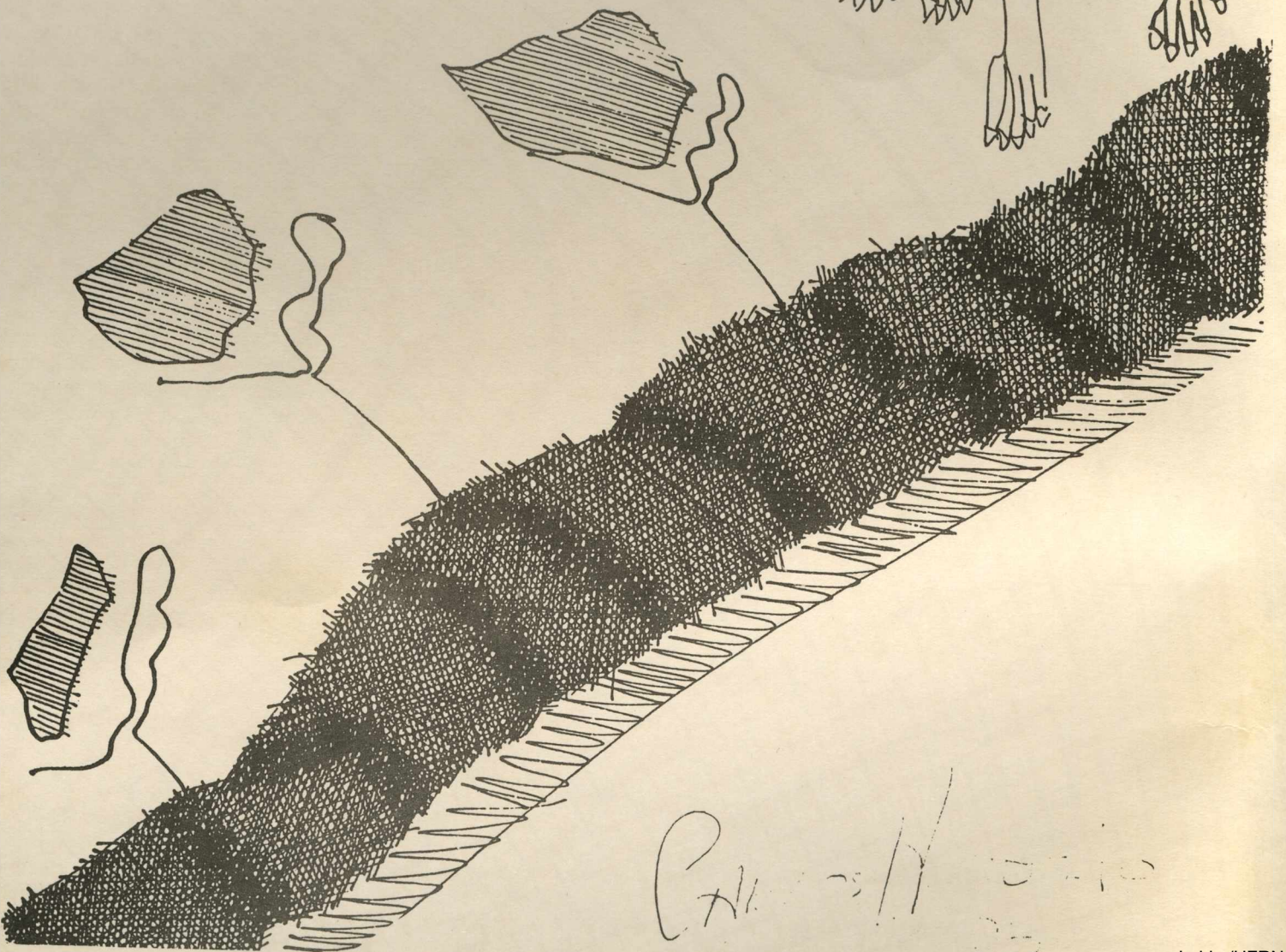
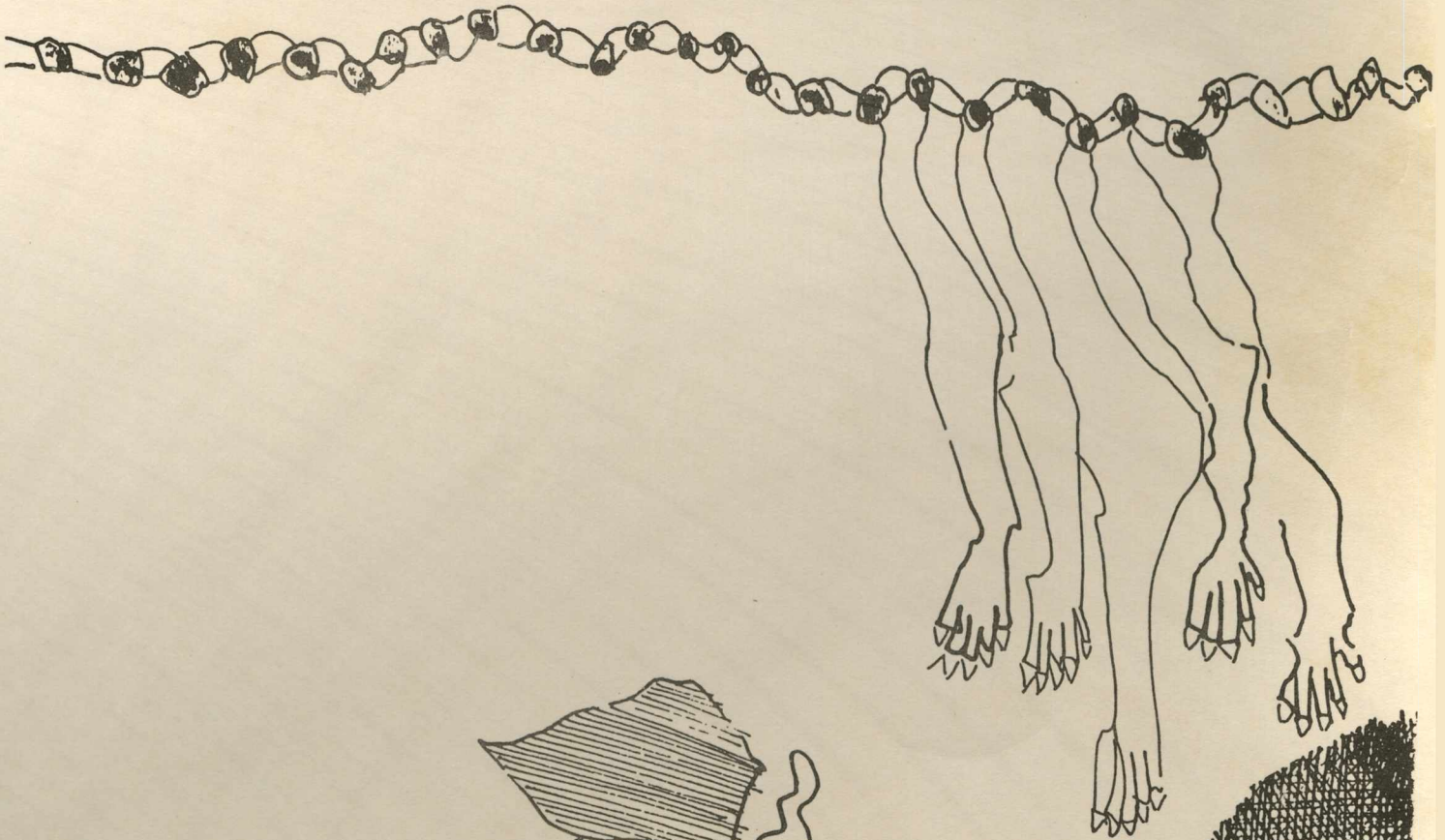
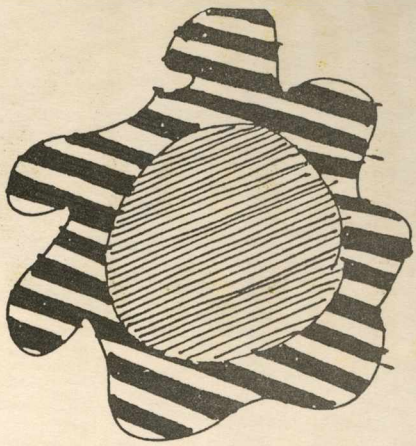
O GALO

ANO VI — Nº 6 — janeiro/março/1994 — Governo do Estado do RN — Fundação José Augusto — CR\$ 1.000,00

Veríssimo de Melo



Preocupações de um escritor



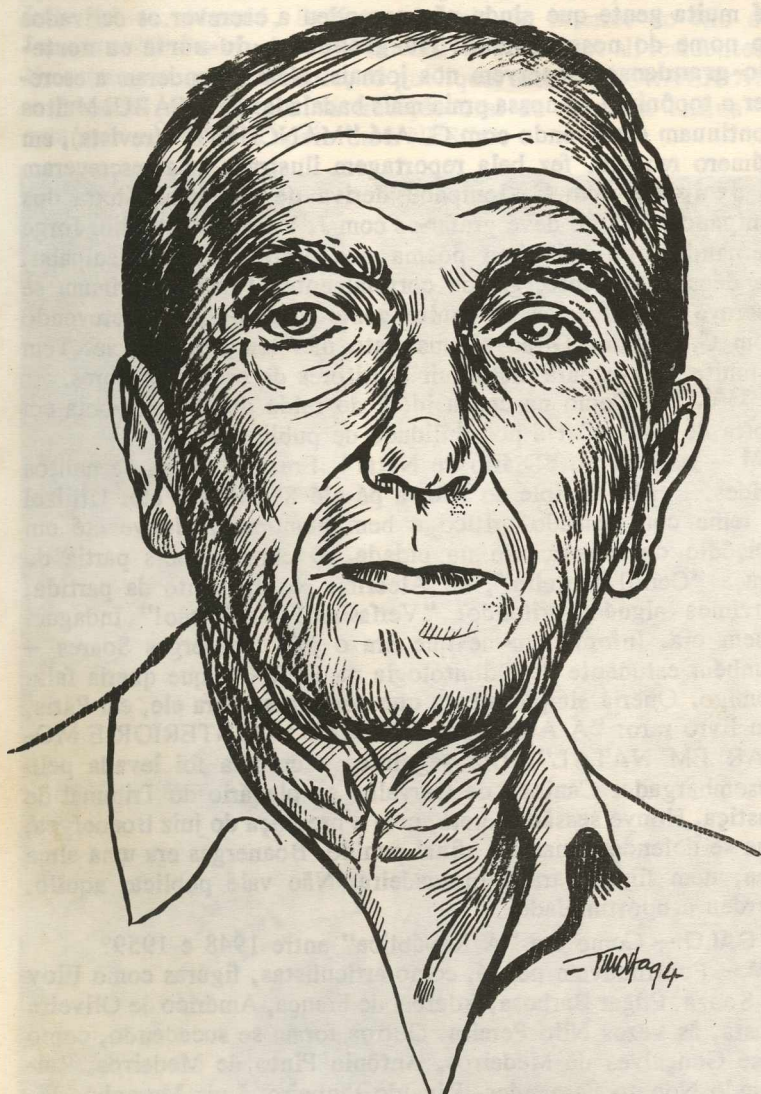
Chamé / 2010
33

A Riqueza Maior está nos Escritores das Províncias

Entrevista por: Auricéia A. Lima

“Escrevo para dar um testemunho do meu tempo e dos meus amigos.”
— Verfssimo de Melo fala sobre sua vida, seus livros, suas paixões — Conviveu com Cascudo durante mais de cinquenta anos — Não se considera realizado como escritor, pois falta muito ainda para atingir o pique de sua missão.

A reportagem de “O Galo” conversou com Verfssimo de Melo (72 anos), presidente do Conselho Estadual de Cultura/RN, autor de quase cem títulos publicados. Verfssimo é uma pessoa bem humorada, que tem vasto círculo de amigos espalhados no país e até no estrangeiro. Eis o que registamos desse papo.



O GALO — Onde nasceu, estudou e iniciou a sua vida profissional?
VM — A resposta a isto daria um livro. Mas, vou tentar resumí-la. Nasci em Natal (modéstia à parte), no dia 9 de julho de 1921. Fiz o Atheneu — aluno medíocre; o curso pré-jurídico no Colégio Universitário, no Rio de Janeiro e o 1º ano da Faculdade de Direito da PUC — na época em que a instituição era dirigida pelo Padre Leonel Franca — um sábio e santo. Tive por lá grandes professores, como Pedro Calmom (grande papo); Alceu Amoroso Lima (que não me impressionou em coisa nenhuma) e um polonês Sbrozek — fugido da guerra e que só falava espanhol. Transferi-me para a Faculdade de Direito de Recife no segundo ano, concluindo o curso em 1948.

Formado, fui nomeado Juiz Municipal de Natal pelo Governador José Varela. Exerci o cargo durante dez anos. Ser juiz é missão difícil. Sobretudo numa época em que o Estado pagava aos magistrados um salário vil. Assim mesmo, cumpri o meu dever e tive algumas alegrias na função. Tive várias sentenças confirmadas por unanimidade no Supremo Tribunal Federal.

Na mesma época, por indicação de Cascudo, passei a lecionar a cadeira de Etnografia do Brasil na antiga Faculdade de Filosofia de Natal. Com a federalização da UFRN — fui o primeiro professor de Antropologia Cultural na instituição. Com o reitor Onofre Lopes, Cascudo, José Nunes Cabral de Carvalho e D. Nivaldo Monte fundamos o Instituto de Antropologia da UFRN, hoje Museu “Câmara Cascudo” — do qual fui diretor. Em 1989, após quarenta e tantos anos de atividade no Estado e na UFRN — aposentei-me para o bem de todos e felicidade geral da nação.

O GALO — Por que escreve?

VM — Respondi esta indagação há poucos dias, num artigo. Escrevo para dar um testemunho do meu tempo e dos meus amigos.

O GALO — Qual a sua temática preferida, hoje?

VM — Literatura em geral, um pouco de folclore, arte algumas vezes. Mas, fundamentalmente, dou prioridade à temática ligada às condições e obras dos escritores das províncias. O pessoal da mídia não me interessa — salvo exceções... O pessoal das províncias é sempre rico de sabedoria, inteligência, cultura. É a minha política. Propus ao Ministério da Cultura a publicação de um boletim trimestral para divulgar o que se publica pelo país afora e ninguém sabe. O Ministro Antônio Houaiss teve a melhor boa vontade na iniciativa. Mas, não fui atendido. UFRN



Primeira foto de Veríssimo de Melo, com meses de nascido.

O GALO — Quais as figuras intelectuais que mais o influenciaram?

VM — Claro que a primeira foi Cascudo, com quem convivi mais de cinquenta anos. Mas, honestamente, sofri influências de outros escritores e poetas como Ascenso Ferreira, ao tempo em que era estudante no Recife; de um Jorge Fernandes, meu vizinho e amigo. Como jornalista, naturalmente, tive influência de um Luiz Maranhão Filho, um Rivaldo Pinheiro, um Valdemar Araújo — grande secretário do jornal. No plano nacional, não posso omitir a enorme admiração que tive e tenho por um Manoel Bandeira, um Gilberto Freyre, um Nelson Rodrigues.

O GALO — Fale sobre a sua obra. Há trabalhos publicados fora do Brasil?

VM — Minha modesta bibliografia está perto de completar 100 títulos, só entre livros e plaquetes. Artigos de jornais ou em revistas nacionais — eu não conto. No estrangeiro, publiquei ensaios de folclore na Revista "Douro-Litoral", do Porto, (Portugal), vários. Como na Revista de Etnografia de Nápolis, dirigida por Raffaele Corso, em 1950. Na Alemanha, publiquei cerca de dez artigos e ensaios na bela revista "HUMBOLDT", de Munique. Na Venezuela, publiquei ensaio na Revista Venezuela na Folklore, em 1975. Na Holanda, publiquei em Haya, artigo sobre holandeses no Nordeste, em 1977. Em Madrid, publiquei ensaio na Revista de Dialectologia e Tradiciones Populares. Creio, porém, que o trabalho mais importante que publiquei no estrangeiro, na Alemanha, foi o verbete que escrevi sobre o conto folclórico no Brasil para a "ENZYKLOPADIE DES MARCHENS" — Berlim-N. York. Recebi separatas em língua alemã, publicando o mesmo ensaio em língua portuguesa, no Rio de Janeiro, em edição da Campanha de Defesa do Folclore, 1976.

Tenho, ademais, livros e ensaios publicados em vários Estados, como Pernambuco, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais. O meu carro-chefe, entretanto, foi o "FOLCLORE INFANTIL", com duas edições; uma, pela Cátedra, no Rio em 1981; e a segunda pela Itatiaia, de Belo Horizonte, em 1985. Muitos estudiosos se pronunciaram sobre esse livro. Todavia, a impressão que mais me agradou foi a de Oswaldo Lamartine, que me disse, em carta: "...enquanto houver vivente que foi menino, o seu livro terá lugar numa estante".

O GALO — O poema potiguar domina toda a ação literária no Estado. Mas, outras formas de ficção — o romance, o conto, a novela — não acontecem. Não seria pela situação geográfica propícia à boêmia ou por uma tradição precária?

VM — A predominância do poema sobre outras formas de ficção tem sido, de fato, uma tradição na vida cultural do Estado. Algo que herdamos de poetas maiores como Itajubá, Auta de Souza, Otoniel Menezes, por exemplo. Mas não se subestima o trabalho em pleno florescimento da pesquisa histórica, literária propriamente dita, o ensaísmo em geral — que se desenvolve na UFRN. Não faltam inteligência e criatividade em nossa terra. As condições do meio é que continuam precárias. Para que escrever ficção — me dizem — se não há meio de publicá-la?

O GALO — Alguns críticos dizem que Cascudo e Mário de Andrade foram grandes estudiosos do folclore brasileiro. Enquanto o primeiro catalogava informações, o segundo as reinventava. Por exemplo: MACUNAÍMA. Existe essa diferença irônica?

VM — Pratica injustiça quem afirma que Cascudo apenas "catalogava informações". Claro que ele fez isto à sociedade quando publicou o DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO e outros livros. Mas ele fez muito mais. Interpretou um mundo de manifestações folclóricas. Foi, às vezes, às raízes de muitas. Ele era um erudito — não esqueçam. Mário de Andrade, além de folclorista eminente, era também ficcionista. Fez romance, contos, poesias. Cada um deles foi grande em sua seara — mas tiveram muitas vezes preocupações divergentes.

O GALO — No modernismo houve uma tomada de posição de um novo projeto literário no Nordeste. Tivemos a ação de Gilberto Freyre e Inojosa, dentro da perspectiva regionalista. Sendo contemporâneos de Cascudo, por que este não se manifestou um modernista?

VM — Cascudo foi um modernista a seu modo. Foi ele quem descobriu Jorge Fernandes, quem o incentivou, promovendo seu contacto com Mário de Andrade. Foi um animador do Modernismo em Natal, redescobrimdo outros valores como o poeta Jaime Wanderley. O que ele não quis ser — porque era espírito independente e ativo — foi ligar-se oficialmente a nenhum dos grupos inovadores. Preferiu ficar equidistante — amigo de todos — mas nos deixou mensagem de modernidade que todos os críticos sensatos reconhecem.

O GALO — Qual era a sua função no jornal "A República", em 1948? Havia um caderno cultural?

VM — Comecei lá como todo mundo — fazendo revisão. Depois passei à redação, fui repórter, cronista diário. Foram etapas que se sucederam naturalmente. Considero aquela fase um proveitoso aprendizado. Quando escrevia uma palavra errada, numa crônica, havia sempre alguém no "Grande Ponto" para corrigir-me. Fiz ali um curso de português prático, no meio da rua. Ainda hoje há muita gente que ainda não aprendeu a escrever os derivados do nome do nosso Estado: rio-grandense-do-norte ou nordestino-grandense. Observem nos jornais. Nem aprenderam a escrever o topônimo da nossa praia mais badalada: JENIPABU. Muitos continuam escrevendo com G. Até "MANCHETE" (revista), em número recente, fez bela reportagem ilustrada, mas escreveram lá Jenipabu com G. Jenipabu deriva de Jenipapo, (terra dos jenipapos) — logo deve grafar-se com J. Veja-se o Aurélio. Jorge Fernandes, no belíssimo poema que escreveu sobre Jenipabu, na década de vinte, grafou corretamente. Também Jerimum se escreve com J, mas há muita gente que continua escrevendo com G. Errado. Dirão alguns: isto não tem importância. Tem e muita. Serve para distinguir escritores de escrevinhadores.

O GALO — Como nasceu a idéia do reide do carro-de-bois em volta do mundo? Há possibilidade de publicá-lo?

VM — Isso foi no "Diário de Natal". Era uma época de muitos reides. Reides de iole ao Rio, a pé até São Paulo, etc. Utilizei o tema com sentido crítico e bem humorado. Houve até um episódio de repercussão na cidade. O carro-de-bois partia da praça "Gentil Ferreira", no Alecrim. No momento da partida, ouvimos alguém gritando: "Veríssimo! Veríssimo!" Indaguei quem era. Informaram-me que era o juiz Boanerges Soares — também estudante de Odontologia na UFRN — que queria falar comigo. Queria simplesmente que comprasse para ele, em Paris, um livro raro: "A ARTE DE SER JUIZ NO INTERIOR E MORAR EM NATAL". Dia seguinte, a crônica foi levada pelo desembargador Canindé de Carvalho ao plenário do Tribunal de Justiça. Houve sessão secreta, com a presença do juiz Boanerges, que se defendeu, mas foi afinal punido. Boanerges era uma alma boa, nem ligou para a brincadeira. Não vale publicar aquilo. Perdeu a oportunidade.

O GALO — Como era "A República" entre 1948 e 1959?

VM — Pontificavam por lá, como articulistas, figuras como Eloy de Souza, Edgar Barbosa, Aderbal de França, Américo de Oliveira Costa, às vezes Nilo Pereira. Outros foram se sucedendo, como José Gonçalves de Medeiros, Antônio Pinto de Medeiros, Raimundo Nonato Fernandes, Rivaldo Pinheiro, Luiz Maranhão Filho, Djalma Maranhão, Newton Navarro, além de uma figura folclórica — o grande poeta Damasceno Bezerra, cronista da UFRN.

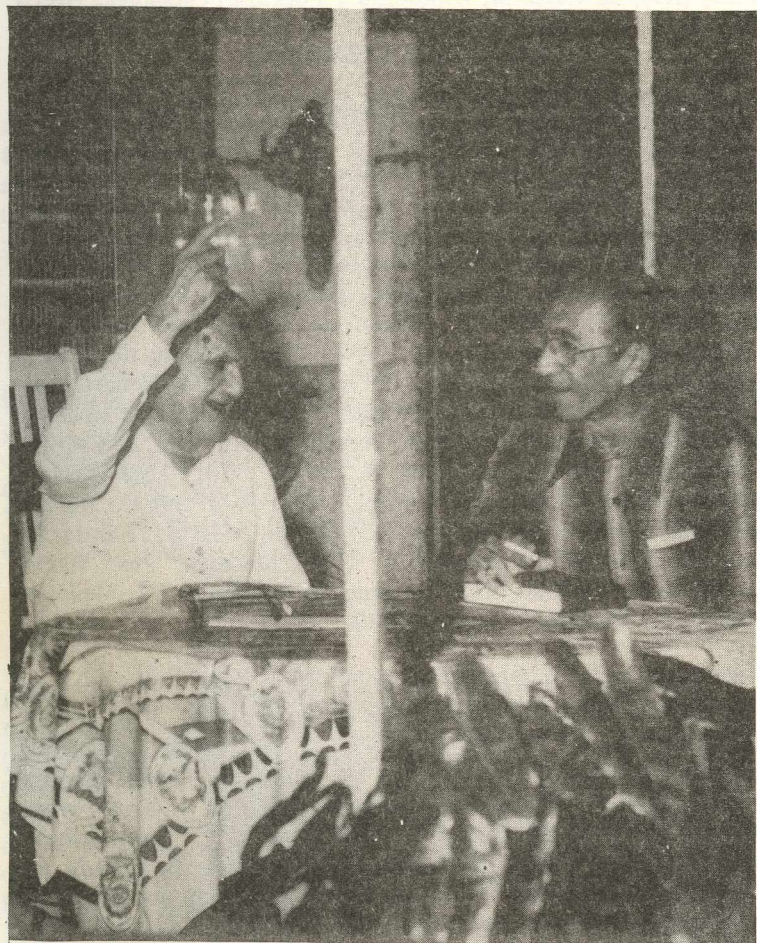
lesco excelente. Eram todos nomes de primeira linha no jornalismo potiguar. Tivemos vários cadernos literários. Numa certa época, eu dirigi um deles. Lembro-me de um episódio. Coletava artigos e ensaios para uma edição comemorativa do centenário de Rui Barbosa. O suplemento já estava fechado, quando apareceu José Nazareno Moreira de Aguiar com um artigo para publicar. Expliquei o problema da impossibilidade, mas não o desanimei: "Vou guardá-lo para o 2º centenário de Rui". Nazareno riu e não se chatou.

O GALO — O Conselho de Cultura é uma das suas paixões. Como é ser o seu dirigente?

VM — O Conselho é órgão consultivo da Secretaria de Educação e Cultura do Estado. Vive momentos altos e momentos baixos. Depende muito do maior ou menor prestígio dado a ele pelos Secretários de Estado. Mas, com prestígio ou sem prestígio, funciona. Reunimo-nos lá todas as terças-feiras, pontualmente, às cinco "de la tarde". Sem férias ou recessos de qualquer espécie. Todos os problemas culturais do Estado são ali debatidos, examinados, orientados, muitas vezes recorrendo-se às autoridades competentes para providências. Já fiz dezenas de ofícios, por exemplo, às autoridades do Estado — por sugestão de Alvarado Furtado de Mendonça — para que sejam tomadas medidas urgentes contra a invasão e destruição das nossas dunas. Já houve algumas iniciativas favoráveis nesse sentido. Mas, logo tudo é esquecido e volta-se à estaca zero. As invasões prosseguem. As reuniões do Conselho são sempre estimulantes e agradáveis. Sem ele (o Conselho), alguns de nós estariam pelas esquinas conversando "miolo de quartinha".

O GALO — Em quais veículos do Estado colabora? Ou no país?

VM — Atualmente, escrevo artigos ou crônicas nas edições dominicais da "TRIBUNA DO NORTE". Continuo colaborando com assiduidade no "JORNAL DO COMÉRCIO", do Recife; e no "JORNAL DA MANHÃ", de São Paulo. Mensalmente, no jornal "NOTÍCIAS CULTURAIS", do nosso amigo Geraldo Fontenelle, em Fortaleza. Eventualmente, noutros periódicos em João Pessoa, Maceió, Belém e jornais do interior do Rio de Janeiro e São Paulo — isso por iniciativas de amigos ali residentes. No estrangeiro, ultimamente, só publiquei artigo no ORALIDAD — Anuário para resgate da tradição oral da América Latina — com sede em Cuba e apoio da UNESCO.



Veríssimo de Melo num papo com Luis da Câmara Cascudo (Natal-1975).

O GALO — Sendo um ser essencialmente cultural, como vê o desenvolvimento sócio-político-econômico do país, hoje? Qual a responsabilidade cultural nesse contexto?

VM — A situação em geral é caótica. Apesar disso o Brasil continua crescendo aos trancos e barrancos. Exatamente como nas décadas anteriores. Neste momento, é que parece que há mais ladrões do que nunca! A CPI do Orçamento foi uma desmoralização de parte do nosso parlamento. A situação lembra o que dizia Mark Twain, no século passado, nos EUA: "Nós temos o melhor Congresso que o dinheiro pode comprar".

A responsabilidade dos intelectuais é total. Todos somos animais políticos. Só que alguns são mais animais do que políticos. Mas, a imprensa brasileira teve papel relevante no episódio do Orçamento. Não fosse ela, os "anões" e empreiteiros desonestos já estariam mais "ricos" hoje do que ontem. A saída democrática? Pensar duas vezes, antes de votar, escolhendo gente melhor.

O GALO — Quais os autores de sua preferência?

VM — Através dos anos, todos nós vamos fazendo enxugamentos em nossas leituras. Para quem pretende adquirir cultura geral, é preciso antes de todos ler o nosso genial Padre Antônio Vieira. Como igualmente, no plano universal: Cervantes, Dostoiévski, Flaubert. Deve-se ler tudo do filósofo da nossa modernidade: José Ortega y Gasset. Na cultura chamada brasileira, além dos nomes já citados, devem-se ler Euclides da Cunha, José Américo de Almeida, Artur Ramos (este, fundamental). Entre os grandes poetas do Nordeste, leiam-se Manoel Bandeira, Joaquim Cardozo, Mauro Mota, Pena Filho, Francisco Carvalho, Marcos de Farias Costa, Jorge Cooper, Jaci Bezerra, H. Dobal, Sérgio de Castro Pinto. Entre os autores de hoje, leiam-se o memorialista Ascendino Leite, o filósofo Gilberto de Mello Kujawski, o poeta e ensaísta Cassiano Nunes, o ensaísta e crítico Edson Nery da Fonseca, outros ensaístas da categoria de um José Lívio Dantas, Xavier Placer, Enéas Athanázio, Altamar de Alencar Pimentel, Acyr Castro, um poeta do nível de Marco Lucchesi. Entre os natalenses, ler principalmente Gilberto Avellino, Diógenes da Cunha Lima, Luiz Carlos Guimarães, Sanderson Negreiros, Paulo de Tarso C. de Melo, Delfino Gurgel, Dorian Gray Caldas, Luiz Rabelo, Marize Castro, Diva Cunha, Eulício Farias, Fco. Sobreira, e Fagundes de Menezes entre tantos outros.

Destacam-se ainda na atualidade — noutras áreas da cultura — Oswaldo Lamartine de Faria, etnógrafo e memorialista; Américo de Oliveira Costa, ensaísta; Padre Jorge O'Grady de Paiva, ensaísta; Otto de Brito Guerra, sociólogo e memorialista; Olavo Medeiros Filho, Jurandir Navarro da Costa, Itamar de Souza, João Wilson Mendes Melo, Lenine Pinto, Alvarado Furtado de Mendonça, Protásio Melo, pesquisadores e historiadores; Nilson Patriota, Vicente Sobreira, Tarcísio Gurgel, Afrânio Lemos, ficcionistas; Manoel Onofre Jr., contista e memorialista; Nelson Patriota, crítico e jornalista; Geraldo Edson de Andrade, contista e crítico de arte; Iaponan Soares, contista e memorialista; Vicente Serejo, cronista e jornalista; D. Nivaldo Monte, memorialista; Iapery de Araújo, folclorista e ensaísta; Cláudio Emerenciano, memorialista; Osair de Vasconcelos, cronista e jornalista; Washington Araújo, ensaísta; José Dantas, Múcio Vilar Ribeiro Dantas, José Augusto Delgado, Marcelo Ribeiro Dantas e Francisco Barros Dias, juristas.

O GALO — Como vê a produção literária do nosso Estado?

VM — Cada Estado tem a produção literária que merece. Inútil esperar um Século de Ouro por aqui, nesta época escura. Mas, louve-se o trabalho de ensaístas do porte de Eduardo de Assis Duarte e Constância Lima Duarte — da UFRN. Em Mossoró, é fantástico o trabalho do escritor e editor Ving'Un Rosado; valioso também o trabalho do jornalista Dorian Jorge Freire e do historiador Raimundo Soares de Brito. Em Natal, é meritório o trabalho de Enélio Petrovich à frente do nosso Instituto Histórico. Como ainda os bons serviços de Dácio Galvão na Fundação "Hélio Galvão". Entre editores natalenses, não esquecer o trabalho pioneiro de Carlos Lima, que já editou mais de 200 títulos de autores da terra. Como igualmente as belas edições de Marcelo Fernandes, através do RN-Econômico.

O GALO — Já recebeu algum convite para fazer política?

VM — Fiz jornalismo político na redemocratização. Colaborei num jornal terrível, "O DEMOCRATA" — dirigido por Eloy de Sousa e depois por Romildo Gurgel. Eram também colaboradores Esmeraldo Siqueira, Antônio Pinto de Medeiros e Joanilo

de Paula Rêgo. Diariamente escalpelávamos uma vítima. Mas, não tenho nem vocação nem gosto para esse tipo de jornalismo. **O GALO** — Qual a importância da Semana da Arte Moderna no movimento cultural do Nordeste?

VM — Foi decisiva. Fundamental. Depois dela surgiram alguns dos nossos mais importantes valores, como José Américo de Almeida, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos. Cascudo e Gilberto Freyre — já frisamos — também surgiram nessa época, mas cada um modernista a seu modo.

O GALO — Como se vê à frente de um órgão cultural, próximo ao ano 2.000, num país com universo de 40 milhões de pessoas em estado de miséria e 60% de analfabetos?

VM — Tristemente, como toda pessoa sensata. No Brasil, a miséria é endêmica como a AIDS. O quadro infeliz continuará indefinidamente. A campanha de Betinho é meritória. Mas, acho que nem ele nem ninguém terá condições de reverter esse quadro. Só o comando político do país poderia suavizá-lo. Mas, cadê vontade política? O analfabetismo, por outro lado, também não terá solução enquanto os homens do poder forem esses que aí estão. Eles provam diariamente a sua incompetência para trabalhar eficazmente em favor do povo.

O GALO — O senhor foi chefe de gabinete do Prefeito Sylvio Pedrosa, a partir de 1946. Fale sobre essa época.

VM — Sylvio Pedrosa foi prefeito inovador e progressista. Fez mais do que se esperava dele. Vi e ouvi, muitas vezes, ele telefonando para comerciantes ricos de Natal, apelando para que ossem pagar seus impostos a fim de ter dinheiro para pagar o pessoal da Prefeitura. A iniciativa da Avenida Circular foi decisiva para a modernidade de Natal. E ele a fez na raça, conseguindo máquinas que serviram aos americanos, na guerra,

para o serviço da avenida à beira-mar. Sylvio executou uma parte importante do Plano Palumbo. Criou ainda uma Biblioteca Municipal. Quando deixou a Prefeitura, veio Olavo Galvão e a extinguiu. Justificou-se: "Acabei com a biblioteca porque ela não dava lucro nenhum à Prefeitura". (Lindo). Sylvio incentivou as artes e letras. Editou a "História da Cidade do Natal", de Cascudo — livro básico. Ele fez mais do que apenas calçar ruas e avenidas. Foi um grande prefeito.

O GALO — É verdade que o senhor coloca a correspondência com escritores de vários Estados como um dos principais instrumentos de trabalho?

VM — Exato. Aprendi com Cascudo. O estímulo vem muito mais de fora do que aqui da terra. Diariamente recebo inúmeras cartas, revistas, livros. Alguns, semanalmente, de Portugal, como os "Jornal de Letras", de Lisboa, e "Letras & Letras", do Porto, quinzenalmente. Esses jornais portugueses são importantes porque, além da colaboração de escritores lusos, trazem entrevistas e artigos da França, Itália, Espanha e outros países europeus. E tudo isso me proporciona o Correio. Posso dizer, como Nelson Rodrigues dizia do telefone: "O Correio é também uma janela aberta ao infinito".

O GALO — O senhor se considera um intelectual realizado?

VM — Jamais. Dou a minha pequena contribuição à terra, porque esta é a minha destinação. Falta muito, porém, para atingir o pique que desejo na minha missão. Desejaria ver o Rio Grande do Norte em melhor situação econômica. Com administradores que prestigiassem a cultura, incentivando os reais valores que temos e bastante expressivos. O diabo é que sem vontade política para tanto e sem dinheiro não sairemos tão cedo do atoleiro. Precisamos de mecenato culto e inteligente, que nos falta.

Prêmios, Distinções e Homenagens

Iniciando suas atividades como jornalista e escritor em 1948 — quando se formou em Direito, publicou seu primeiro livro, "Advinhas" e se casou com Noemi Noronha de Melo, que lhe deu três filhos: Fernando, Sylvio e Monique — Veríssimo e Melo recebeu vários prêmios nacionais e integra inúmeras instituições de cultura dentro e fora do país. Aqui, abaixo, uma síntese dessas distinções e homenagens.

Em 1949, foi distinguido com o 2º prêmio no Concurso Nacional de Monografias sobre o folclore, em São Paulo, com o ensaio sobre "Rondas Infantis Brasileiras". Em 1959, no 6º Concurso também de Monografias sobre folclore, em São Paulo, com o seu ensaio sobre "Jogos Populares do Brasil", obteve o 8º prêmio, sendo o seu trabalho publicado na Rev. do Arquivo Municipal de São Paulo.

No concurso nacional Prêmio Thomas Mann-1973, promovido pela Embaixada Alemã e U. B. E. do Rio de Janeiro, recebeu "menção honrosa" com o ensaio "Contribuição Germânica à Antropologia Brasileira". No concurso de monografias sobre a vida e obra de Albert Einstein, promovido pela Universidade Federal de Alagoas, conquistou o 2º prêmio, com o ensaio "Albert Einstein, o Humanista".

INSTITUIÇÕES DE CULTURA

Veríssimo de Melo pertence, na categoria de sócio correspondente às Academias de Letras do Rio Grande do Norte (efetivo); Alagoana; Paraense; Sergipana; Pernambucana; Sorocabana, P); Espírito-Santense; Cearense; de Campina Grande; Petropolitana, (RJ); Santista, (SP); Mossoroense, (RN); Letras e Artes do Nordeste (Recife); da Academia Diocésia, (RN-honorário) Academia de Ciência/RN.

Entre instituições ligadas a estudos de folclore, pertence; Asociación Española de Etnografía y Folklore (Madrid); Societate Internationale d'Ethnologie et Folklore, (Liège, Bélgica); Asociación Tucumana de Folklore (Arg.); Folklorica de México; Uruguiana de Folklore; Folklorica da Bolívia; de Arte Popular (Argentina); Associação Brasileira de Folclore, (Natal); As. Brasi-

leira de Folclore, (S. Paulo-honorário); Luso-Brasileira de Etnologia, (RJ); Associação Brasileira de Antropologia, (SP); Museologistas, (RJ); de História, Etnologia y Folklore (Tucumán, Arg.).

MEDALHAS CULTURAIS

Veríssimo de Melo é detentor das seguintes comendas e medalhas culturais: "Imperatriz Leopoldina", do I. H. G. São Paulo, (1958); "Marechal Rondon" da S. G. S. (São Paulo), 1962; "Brigadeiro Couto de Magalhães", (S. Paulo, 1962); "José Bonifácio", Pref. de Santos, (SP), 1963; "Nina Rodrigues" S. Med. Legal e Criminologia de S. Paulo, 1963; "Vital Brazil", do Governo de São Paulo, 1963; "Alberto Maranhão", Gov. RN, 1975; "Martin Afonso de Sousa", do Inst. Hist. e Geog. Guarujá-Bertioga, SP, 1982; "Dr. Acylinho de Leão", do Cons. Est. Cultura do Pará, 1983; Medalha "Cavaleiro Grande Oficial do Mérito de Santo Amaro", S. Paulo, 1988; Medalha do Mérito Presidente Tancredo Neves, da Ord. Mer. da Cultura e Cavaleiros de Santo Amaro, S. Paulo, 1988; "José Veríssimo", da Acad. Paraense de Letras, 1987; da Ordem do Mérito Consular, grau de comendador, 1988; do Mérito "Fundação Joaquim Nabuco", Pernambuco, 1989; Medalha "José Maria dos Santos", do Inst. Hist. e Geog. da Paraíba, 1992; Medalha "Amigo da Marinha", Natal, 1990.

Foi ainda Veríssimo de Melo distinguido com inúmeros diplomas: do Mérito da Educação e Cultura/RN, 1974; Mérito "Átala de Souza", Macaíba (RN), do Mérito da Educação, Prefeitura de Natal, 1974; Placa de Prata da Escola Técnica Federal/RN, 1977; Placa de Ouro, da Casa da Música, Natal; Diploma da União Brasileira de Escritores, RJ; "Personalidade do Ano-1988"; Placa de Prata da Prefeitura da Cidade do Natal, 1984; Placa de Prata do Centro de Tradições Gaúchas, (RN, 1992); Placa de Prata do Museu "Câmara Cascudo", RN, 1993; Mérito Cultural 30 Anos, da Fund. José Augusto, 1993; Homenagem Especial (diploma) da Associação Comercial/RN, 1992; Mérito Maçônico, Loja "Padre Miguelinho", 1991.

Algumas Impressões sobre Livros de Veríssimo de Melo



Veríssimo de Melo num dos Simpósios sobre Folclore em São Paulo.

“Recebi seu “Dos grandes, um pouco (1º Pacote) e fico-lhe muito obrigado pelo feito. Encantou-me a seleção, como me encantavam, já de antes, os selecionados. Creio que a forma de apresentação da matéria é um achado — pelo menos para mim — que torna os textos mais valiosos ainda. O que não era difícil: você teve o extremo bom gosto da concisão, da adequação, da pertinência, da elegância — não só moralmente considerando, senão que também literalmente. Estou certo, assim, que seu DOS... vai agradar em cheio não só os que já o estimam, senão que também os que ainda não o estimam por não terem tido a oportunidade de lê-lo. Muito obrigado e remuito reobrigado. Seu amigo (a) ANTÔNIO HOUAISS. Rio, 10-8-92.

“O 1º Pacote Literário aqui está — recebido, lido e aplaudido. Bem sei o que representa a sua fidelidade às letras, construindo porfiadamente a sua obra de escritor. Suas devoções são também as do seu admirador e amigo. Daí nossa afinidade cultural. E daí também o encanto com que o leio. Gratíssimo. Seu admirador e amigo (a) JOSUÉ MONTELLO. Rio, 10-9-1992.

“O Dicionário” é um livro delicioso. A partir de uma idéia simples, o artífice consegue comunicar ao leitor, do mesmo passo, humor e sabedoria. E, para completar, a apresentação do Presidente Diógenes em que o segredo do estilo, que é muito dele, (vide “O Homem que pintava cavalos azuis”), nos retrata Veríssimo como ele é com leveza, sutileza e veracidade. (a) MIGUEL SEABRA FAGUNDES. Rio, 13.89.

“...Venho agradecer-lhe o “Dicionário”. Para quem, como eu, que não pode conviver no dia-a-dia com essa inteligência norte-rio-grandense tão bem humorada, que flui em ditos e setenças em pequenas histórias e frases perfeitas, o que é efetivamente o sinal marcante dos homens de letras potiguaras — o seu “Dicionário” é um achado, ou melhor, uma coleção de achados, que anima e consola nesta cidade de São Paulo, que perdeu a garoa, o ar puro e a graça”. (a) JOSÉ ALEXANDRE TAVARES GUERREIRO. S. Paulo, 19-6-1989.

“Pelo menos quatro grandes lições nos proporcionam estes escritos reunidos de Veríssimo de Melo. A primeira lição é a da universalidade. O interesse do autor é enciclopédico, como deve ser o interesse de todo intelectual pelas coisas da cultura. (...) A segunda lição é a da generosidade, predicado moral que não falta a Veríssimo de Melo. Mas, refiro-me aqui à generosidade intelectual, que se mede pela capacidade de simpatia de um autor por outros autores e por inclinação a dividir com outros as alegrias do espírito. (...) A terceira lição é da humildade. O contato com os grandes nos faz humildes, restituindo-nos às nossas verdadeiras dimensões. O orgulho, a vaidade são inimigas da admiração. Pois em Veríssimo, a capacidade de admirar é tão grande porque sua humildade também é grande. (...) A quarta lição é o bom humor. Ao contrário do que se pensa, este não conflita em nada com a inteligência, nem com a intelectualidade. Pobre do intelectual destituído de alguma pitada de bom humor, explícito ou implícito. Seu texto será ilegível”. (a) GILBERTO DE MELLO KUJAWSKI — Prefácio ao livro “DOS GRANDES, UM POUCO”. S. Paulo, 18-3-1989.



Veríssimo de Melo em visita ao escritor Érico Veríssimo, Porto Alegre (RS), 1959.

“A idéia do livro de “intertextualidade induzida”, como a definiu Edson Nery da Fonseca, me parece também esplêndida. Um livro orgânico. Germinal. Que gera ou pode gerar outros livros. Falei do assunto a Xavier Placer, que (sem querer provocar nenhum cisma) é outro papa da Biblioteconomia brasileira. Também achou a idéia bastante original”.

José Lívio Dantas, Niterói, 27-3-92.

“Veríssimo é, conforme adianta em prefácio ao livro Diógenes da Cunha Lima, “um dicionário vivo”. E nenhum livro é mais o seu autor do que este necessário “Dicionário do Espírito e Humor dos Velhos Amigos, que Veríssimo acaba de lançar em Natal. (a) ACYR CARTRO — “Diário do Pará”. Belém, 15-4-1989.

“Estamos na era do computador. Agora, os computadores se conectam em rede. Veríssimo Melo, da pequena Natal, estabelece uma rede nacional entre gente das letras, numa atividade que é de um autêntico ADIDO CULTURAL. Que faz o Governo até hoje que não o descobriu para uma representação no estrangeiro? E tem mais, como escreve José Lívio Dantas, “sua atuação, seu trabalho não é apenas idealístico, mas pragmático e concreto”. XAVIER PLACER — Niterói, agosto/93.

Prestando Contas

Por mais que se diga ao contrário, a cultura tem realizado avanços e conquistado espaços.

Não somente pela ação do poder público que tem sido limitada até porque são limitados os recursos, mas principalmente pela persistência dos artistas, que buscam realizar alguma coisa pela cultura.

Somos conscientes da falta de uma política editorial oficial no Estado, de espaço para os grupos independentes de teatro e dança realizarem ensaios e da instituição de auxílios-montagens para espetáculos.

A Fundação José Augusto tem um Plano de Ação definido, mesmo sem contar com a participação dos grupos artísticos da comunidade, que convocados não deram sua colaboração.

Mesmo assim, foi estabelecido um Plano norteador da política cultural para este ano.

Não foram poucas as ações na nossa administração que está prestes a encerrar-se.

Se não fora o meritório trabalho do Sistema Estadual de Bibliotecas, buscando fortalecer as bibliotecas municipais para transformá-las em centros de cultura ou a reorganização dos museus com a instalação do Museu do Memorial Câmara Cascudo e do Solar do Ferreiro Torto ou a edição da Revista "O GALO" e dos jornais "FJA em Ação" e "Caras Letradas" ou ainda os projetos de Teatro, música e dança, tivemos a recuperação da Cidade da Criança e a instalação do Museu Histórico de Aviação e II Guerra Mundial como impactos na atividade cultural do Estado.

O Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine continuou um trabalho meritório de resgate histórico e o Memorial Câmara Cascudo buscou preservar e difundir a memória do mais ilustre norte-rio-grandense.

Ações que ficarão, como a idéia de que a cultura é base para o desenvolvimento e só serve se servir ao povo, dando-lhe a consciência necessária para sua libertação.



Iaperi Araújo

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

José Agripino Maia

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

Iaperi Araújo

CONSELHO EDITORIAL

Celso da Silveira

Edna Duarte

Franco Jasiello

Iaperi Araújo

Deffilo Gurgel

EDITORIA

Auricéla A. de Lima — DRT-257

DIAGRAMAÇÃO, PROGRAMAÇÃO VISUAL E ARTE FINAL

Gilberto Alves

Falves Silva

REVISÃO

Rômulo Robson

Anchieta Xavier

Afrânio Pires

COLABORAÇÃO

Socorro Leite

Maria Eleonora

SUMÁRIO

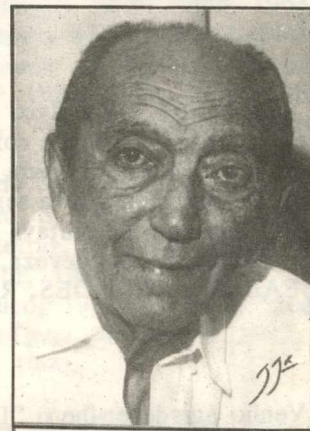
- 03 - Entrevista
- 08 - Editorial
- 09 - Poesia
- 10 - Tropicalismo
- 12 - Cangaço
- 14 - Poesia
- 15 - Homenagem
- 16 - NAC-UFRN
- 17 - Poesia
- 18 - Música
- 20 - Poesia
- 20 - Teatro
- 21 - Concurso
- 22 - História
- 23 - Ensaio
- 24 - Legislação
- 25 - Poesia
- 26 - Publicidade
- 27 - Cinema
- 28 - Legislação
- 29 - O Galo Conta
- 30 - Ficção
- 31 - Crítica
- 32 - Cultura Popular
- 34 - Cartas



O GALO

ANO 13 - Nº 3 - Janeiro/março/1994 - Governo do Estado do RN - Fundação José Augusto - CRL 1.006/93

Veríssimo de Melo



Preocupações de um escritor

FOTO CAPA - Jaecy Júnior

Redação: Rua Jundiá, 641 — Tirol — Natal — Rio Grande do Norte — CEP 59.020 — Tel.: (084) 221-2938.

A editora de O GALO não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião desta revista.

Composição, Fotolitos e Impressão: Gráfica Manimbu — Rua Açú, 666-A — Tirol — Tel.: 221-2938

Natal: A Infância Que Desperta Das Palavras

SEGUNDO PRELÚDIO

Miguel Jorge

Depois de tantos olhos, meus olhos
se cravam no teu corpo que me envolve
de impertinente calma.

O mapa emoldurado das ruas
voa sobre as noites logo chegadas,
na velha Ribeira, Circulares praças,
o sentido de tua lunar fonte,
luar de esmeraldas.

Correm por estes caminhos inominados
silenciados amores,
selvagens ilhas, lagoas de matérias,
a alma bruta das praias: Ponta-Negra,
Potengi, Pitangui, Areia-Preta, Pirangi,
Genipabu, Búzios.

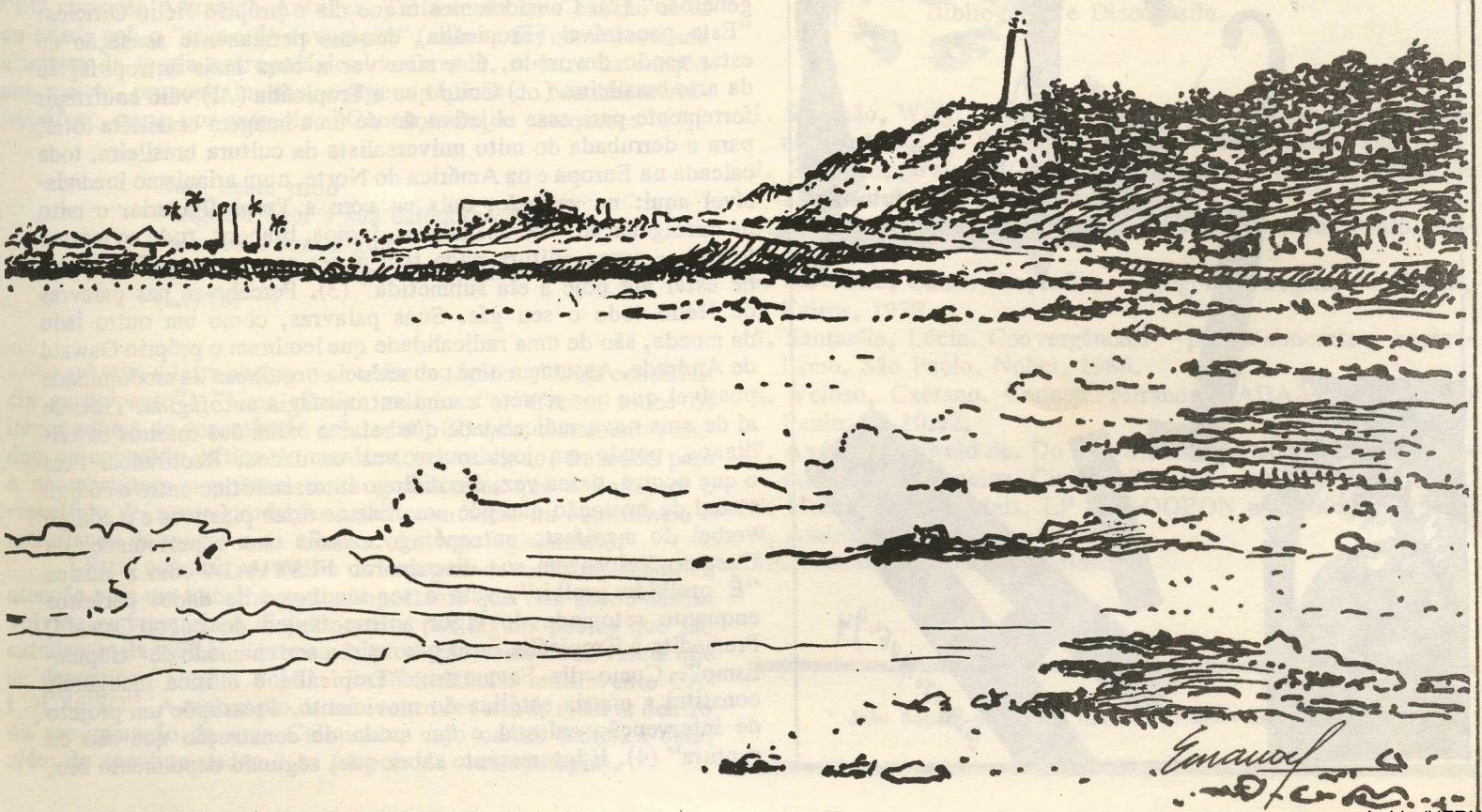
Branços bancos de areia,
a crença nas águas, sangue espuma
nua de pele que te cobrem de prata,
movimento ondas, o andar dos peixes
entrando como um grito no meu medo,
Selo este pacto sabor de pouso, linha
sobre águas desta infância de palavras
Como luz ou tela que se rasgam.
Selo este pacto na lembrança:
cajueiro sobre o campo, no balanço

de seu fruto que se fala, chão
cortado, forma antiga que se cala.
Há! Esta saudade que se estraçalha.

Trago-te versos desta liturgia
que se derrama pelas ruas,
pelas calçadas,
pelo olhos vivos das janelas
que saltam em fogo, lunadas luzes
a cobrir tuas moradas,
brancas recordações que não se dissolvem
em tuas visíveis várzeas.

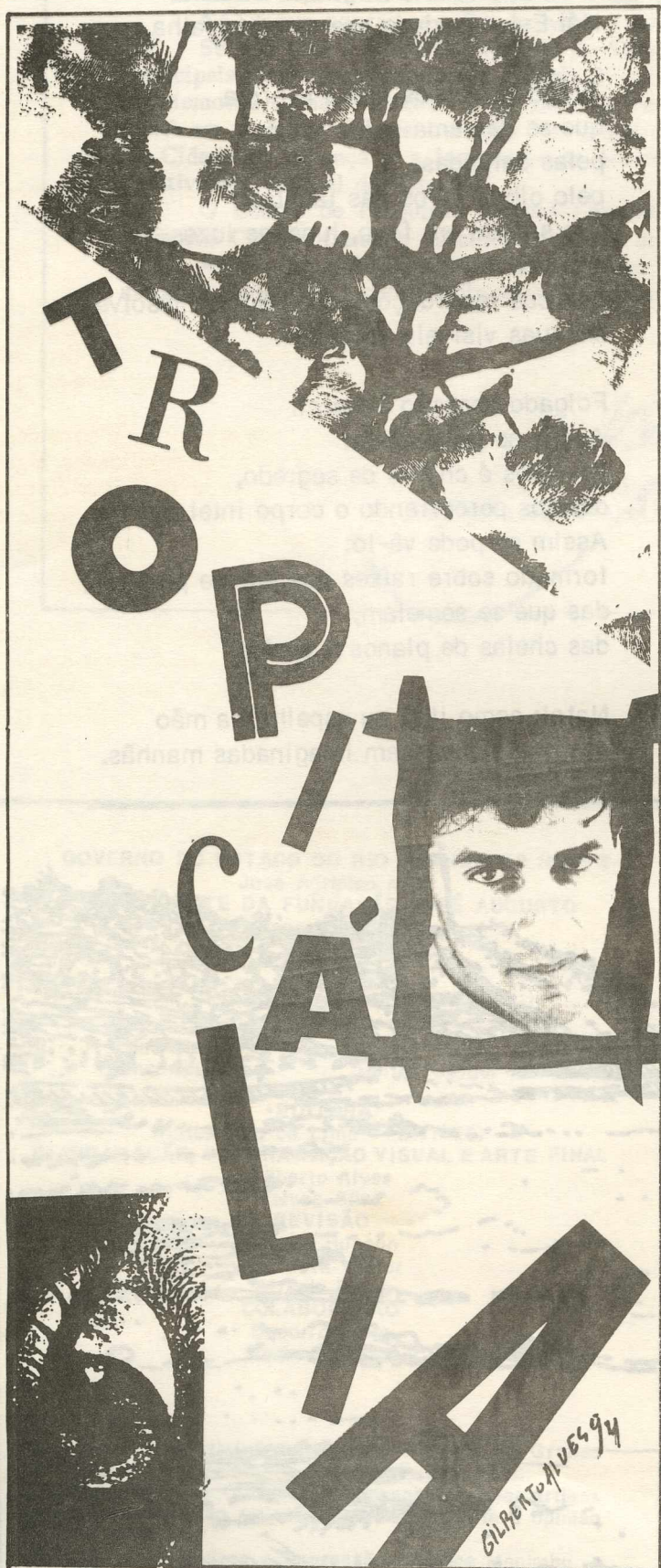
Folgado coração é Natal!
Assim se pode vê-lo:
às vezes é chama de segredo,
desejos percorrendo o corpo inteiro.
Assim se pode vê-lo:
formado sobre raízes das que se plantam,
das que se semeiam,
das cheias de planos e apelos.

Natal: como ilha ou espelho na mão
dos que atravessam imaginadas manhãs.



A INTERSEMIOSE DA DEVORAÇÃO

João Batista de Moraes Neto*



A nossa conversa acontecerá sob o signo da devoração. Conversa-relâmpago que, por sinal, não tem a mínima pretensão de esgotar tão largo assunto. Portanto, trataremos sobre as relações entre Antropofagia e Tropicália nos 70 anos da Semana de Arte Moderna. Remeto-os à citação inscrita como epígrafe no texto "Hommage" do poeta Waly Salomão referindo-se ao inventor Hélio Oiticica. Trata-se de uma frase do filósofo Merleau-Ponty: "toute commémoration est aussi trahison". Remeto-os também ao artigo do poeta salomão a propósito da Semana de 22, incluído em número especial do Suplemento Letras da Folha de São Paulo.

Nosso assunto é um certo híbrido de banal e complexo. Mexe com a tradição cultural da humanidade e com manifestações da cultura de massa. De imediato traz à nossa lembrança os nomes de Oswald de Andrade e Caetano Veloso, verdadeiros responsáveis pela trama dessa discussão.

Bem, se o espírito moderno é antropofágico (como quer Oswald), uma comemoração deverá ou deve ser muito mais uma homage que implique em uma produção e/ou recifração dos códigos e procedimentos desse espírito, como um "work in progress". Waly afirma que "a Semana só interessa como Momento de agitação" (1). Então, no espaço acadêmico viável, que se faça a violação ou a infração através das possibilidades de articular o que foi dito num novo dizer: uma reciclagem crítica ou a metacrítica da reciclagem. A trilha dos roteiros. Oportunamente continuo a citar o Salomão: "Hélio Oiticica cunhou a expressão (Tropicália) para conceituar o ambiente que ele realizou no Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, em abril de 1967, meses antes do grande compositor brasileiro Caetano Veloso fazer uma música e colar o mesmo selo". (...) "Tropicália nasceu num rio de humus generoso" (2). Consideremos o que diz o próprio Hélio Oiticica: "Este penetrável (Tropicália) deu-me permanente sensação de estar sendo devorado, é a meu ver a obra mais antropofágica da arte brasileira. (...) Creio que a Tropicália (...) veio contribuir fortemente para essa objetivação de uma imagem brasileira total, para a derrubada do mito universalista da cultura brasileira, toda calcada na Europa e na América do Norte, num arianismo inadmissível aqui: na verdade, quis eu com a Tropicália criar o mito da miscigenação — somos negros, índios, brancos, tudo ao mesmo tempo — nossa cultura nada tem a ver com a européia, apesar de estar até hoje a ela submetida" (3). Percebe-se nas palavras de Hélio todo o seu gás. Suas palavras, como um outro lado da moeda, são de uma radicalidade que lembram o próprio Oswald de Andrade. Assumem uma consciência orgulhosa da modernidade possível que nos remete a uma antropofagia autofágica. Trata-se aí de uma nova radicalidade que refaz a trilha dos roteiros oswaldianos, pondo em jogo outra vez os dados. Recifrados. Pois o que ocorre, dessa vez, é o diálogo intersemiótico entre o código visual da invenção que põe em crise as artes plásticas e o código verbal do manifesto antropófago. Assim com a performance de Caetano Veloso em sua discurso no FESTVAIA com a música "É proibido proibir", vem a ser um lance de dados perfeitos enquanto retomada do vigor antropofágico do poeta Oswald. Premedita a Tropicália ou o que veio a ser chamado de "tropicalismo". Como diz Favaretto: "Tropicália é música inaugural: constitui a matriz estética do movimento. Pressupõe um projeto de intervenção cultural e um modo de construção que são de ruptura" (4). É interessante saber que, segundo depoimento seu,

Caetano Veloso não tinha conhecimento de Oswald quando compôs essa "operação de bricolagem" intitulada "Tropicália". Segundo Lúcia Santaella não foi por mera obra do acaso, pois todo o contexto sócio-político-cultural da época favorecia essa explosão (5). Não custa lembrar que alguns anos depois o compositor e poeta baiano colocará um sambão no poema "escapulário" do inventor modernista.

Escapulindo para o momento atual, encontraremos em um artigo de Caetano publicado no jornal "New York Times" intitulado "Carmen Miranda DADA" uma oportuna revisão crítica da cantora luso-brasileira dentro de toda essa "operação de bricolagem" que é o contexto totalizante no qual navega o brilho da caravela tropicalista e suas cintilações. Caetano observa uma Carmen Miranda radical, dona de uma competência que renega a tradição da "incompetência cósmica" atribuída por Oswald ao nosso país. Acontece que, segundo o compositor, "muito do que sai do Brasil torna-se notável pela magia, pelo mistério, pela alegria; pouco pela competência" (6). Dá-se, exatamente, o fenômeno que Oswald denominou "macumba para turistas". Lembra Caetano que "ela era a única representante da América do Sul com legibilidade universal e parece que é exatamente por isso que a autoparódia era sua prisão inescapável". Os termos dessa dicotomia (magia e competência) sugerem uma proximidade com os termos benjaminianos (magia e técnica). Uma análise mais pormenorizada dessa analogia merece ser feita em uma outra hora.

A nossa comparação ficará centrada nas performances de Carmen Miranda e da novíssima Marisa Monte. Pois ao reproduzir sutilmente o gestual competente (técnico) de Carmen, com a sua voz apuradamente treinada no canto lírico, Marisa Monte aproxima e funde os repertórios. Está feita a ponte entre os dois termos (magia e competência) através desse diálogo de performances que se localizam em épocas diversas e sempre paródica ou estilizadamente. Recentemente em uma reunião da indústria fonográfica internacional, na matriz da sua gravadora (EMI-ODEON) nos Estados Unidos, a cantora Marisa Monte foi a única representante da América Latina. Portanto, a teoria da arte de exportação, do biscoito fino e da antropofagia estão aí presentes em um diálogo que se mantém constante desde Gregório de Matos. A propósito e brevemente, gostaríamos de ilustrar a nossa conversa em torno do tema com a oportuna leitura da letra de uma canção gravada por Marisa em seu segundo disco "Mais". A música intitula-se "VOLTÉ para o seu lar" e é de autoria do "titã concreto" Arnaldo Antunes. Trata-se de uma canção feita ou criada sob o "signo da devoração", nela se faz com brevidade a leitura da teoria antropofágica de Oswald. A letra da canção nos remete, propositalmente, a alguns tópicos do Manifesto Antropófago, como por exemplo: "Contra todas as catequese" (7):

Aqui nesta tribo
Ninguém quer a sua catequização
Falamos a sua língua
Mas não entendemos seu sermão
(...) (8)

Assim a letra aborda uma série de tópicos ("Uma consciência participante", "Uma rítmica religiosa", "Contra todos os importadores de consciência enlatada") (9) que, claramente, aludem ao conteúdo crítico do manifesto oswaldiano, trazendo para a nossa cultura pop atual esses semantemas que enriquecem o repertório de nossa produção artístico-musical na confluência e articulação da magia e da técnica. Antropofagicamente.

Para concluir a minha bricolagem-devoração, chamo a atenção para um trabalho muito importante que vem sendo desenvolvido embrionária e dispersamente por alguns poetas que são estudantes da UFRN. Trata-se da produção verbi-voco-visual que se denomina "Uari'ni Po'si" — Exphektakhular multievento CALOUROSO". A realização de tal evento deveria se realizar dentro da programação de uma Calourada, cujo cartaz indica a data, além do seguinte dado: d.A. (depois da Antropofagia).

Os organizadores deste "evento fantasma" desenvolvem uma produção à margem, pós-grafite, com uma teoria e prática intersemióticas na fronteira entre o verbal, o sonoro e o visual. O programa desse "produto estético" pós-punk aponta como elementos basilares de seu "paideuma" a poesia concreta, o haikai, Kurt Schwitters, entre outros. Transcrevo um trecho: "optamos por uma malcriação da velha e atual KRONKRETTE PROEZRIAR "(8) (...) "nossa assumida postura 3ª mundista q precária pobre reflete uma condição histórica impossível de escape... parâmetros podem ser traçados em inumeráveis

d
ir
e
s
ões

de tropicália, bossa-nova, antropofagia, barroco, padre anchieta..... pierre schaefer, pierre henry, schoenberg, dada guru dada, russulo e futuros... cage, stockhausen, schopenhauer, nietzsche e o carai de asa..... também, por não..... nossos irmãos tupinambares..." (19)

O repertório múltiplo e caótico do programa dos criadores do grupo "Uari'ni Po'si" inclui sua formação pós-punk com passagem-experiência por uma formação acadêmica na área de linguística. Daí a sua experiência com a invensão de "objetos estéticos" chamados em tupinambá de "itakuatiararanas" que podem ser ideogramas, caligramas, poemas concretos ou simplesmente invenções.

De acordo com o nosso tema, sua atualidade e abrangência, quisemos sugerir, no horizonte de nossas possibilidades, algumas relações bastante apropriadas à história de nossa cultura literária e artística. Percebemos que em relação à qualidade e evolução de "objetos estéticos" produzidos em nossa cultura, alguns momentos dos mais altos aconteceram "sob o signo da devoração", naquilo que ela tem de mais radical, em seus procedimentos de ruptura. Por isso, a vertente antropofágica da cultura brasileira se mantém viva em toda sua radicalidade numa conjunção que inclui desde o nosso primeiro poeta, o barroco Gregório de Matos à inventividade de nosso melhor rock brasileiro (Os Titãs, por exemplo).

Bibliografia e Discografia

1. Salomão, Waly. "Por um projeto de superação do provincianismo", in Arte em Revista n° 5. São Paulo, Kairós, 1981.
2. Salomão, Waly, HOMmage. Suplemento MAIS! (Folha de São Paulo), São Paulo, 16.02.92.
3. Oiticica, Hélio. Aspiro ao Grande Labirinto. São Paulo, Kairós, 1984.
4. Favaretto, Celso. Tropicália — Alegoria, Alegria. São Paulo, Kairos, 1979.
5. Santaella, Lúcia. Convergências — poesia concreta e tropicalismo. São Paulo, Nobel, 1986.
6. Veloso, Caetano. Carmen Miranda DADA. Folha de São Paulo, 22.10.92.
7. Andrade, Oswald de. Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
8. Monte, Marisa. Mais. LP EMI-ODEON n° 796081-1, 1991.
9. Andrade, Oswald de. Op. Cit.
10. Material cedido pelo autor.

* João Batista de Moraes Neto é Professor de Literatura.

Uma Sociedade Brasileira

SBEC



"Jeraraca" — preso em Mossoró (foto do Museu Municipal)

* Paulo Medeiros Gastão

1 927, junho, 13. Entrada de Lampião e seu bando em Mossoró.
993, junho, 13. Fundação da SBEC — Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço.

Alegria, vibração, regosijo e confiança, foram características do universo harmônico, existente quando da instalação da sociedade, que passa a agrupar todos os brasileiros, ligados direta ou indiretamente com o tema cangaço.

Em todo território nacional, temos uma gama de lampianófilos, que a partir de agora, passam a ter um referencial, que fatalmente, haverá de congrega a todos de forma abrangente e definidora. A SBEC almeja alavancar um sistema de trabalho ordenado e apenas o tempo poderá determinar seu processo de expansão.

Nossa sociedade passará a defender o patrimônio cultural, que em muitos casos, está a margem dos segmentos da sociedade; alertará as novas gerações, alienadas e carentes da luz, que ilumina caminhos e veredas desse imenso país, na busca do conhecimento da sua história, sua gente e suas origens.

Os jovens estudantes brasileiros, precisam de orientação a partir dos livros didáticos — revisados e atualizados — e só assim nos tornaremos conscientes das nossas potencialidades.

A Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço está estruturada em bases sólidas. Seus primeiros adeptos são pessoas identificadas com o tema e abraçam a causa com muito carinho e responsabilidade. A energia existente no meio ambiente, onde se tem buscado as diretrizes da SBEC, tem nos mostrado que o futuro será promissor, pois, os posicionamentos estabelecidos nos mostram de forma clara, que mais cedo ou mais tarde estaremos abraçando o Brasil, com uma plêiade de homens que se respelam e querem doar as futuras gerações, algo que não receberam ao longo de suas vidas.

As intenções são as melhores que possamos pensar, desde que, a heterogeneidade do grupo inicial, que tem fortes características, nos levam a crer que o trabalho a ser desenvolvido será realizado por dedicação e não como uma questão de sobrevivência. É uma questão de opção. Somos de formação diversa — médicos, pesquisadores, escritores, engenheiros, jornalistas, bioquímicos, funcionários públicos e amantes dos personagens que nos cativaram ao longo das suas trajetórias, emanando energia suficiente para juntos continuarmos esta longa caminhada.

A Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço realizou o Fórum do Cangaço em Mossoró com apoio da Universidade Regional de Mossoró, sendo representada pelo Departamento de História, que por sua vez produziu o SICRO —

A programação foi bem elaborada, havendo sucesso junto as palestras, lançamentos e relançamentos de livros, apresentação de filmes e vídeos. O Centro Histórico e Cultural Manoel Hemetério, "Museu Municipal Lauro da Escóssia" foi palco dos primeiros passos da SBEC. O público deu apoio, principalmente, os universitários ligados ao tema.

Este evento teve promoção conjunta: Prefeitura de Mossoró, Secretaria de Cultura de Mossoró, Fundação José Augusto, Diário de Natal, Livraria Independência, Petrobrás, Academia Mossoroense de Letras, Instituto Cultural do Oeste Potiguar e Fundação Universidade Regional de Mossoró.

Deixamos com o caro leitor duas mensagens que constaram do programa-convite.

RESGATE HISTÓRICO

Há se encarar o cangaceirismo unicamente como um fato histórico e somente sob essa ótica é possível compreendê-lo. Todos os outros aspectos em que se procure estudá-lo, tem necessariamente que sofrer essa revisão. A sociologia, a antropologia, etnografia, política e etologia são, nesse campo, aliados indissolúveis da história.

Ao pesquisador compete a busca documental, a persistência constante pela veracidade e acima de tudo a isenção e o equilíbrio. Todos os fatos da história terão sua vez, nesse julgamento e aí, cangaceirismo, a era militar e até os tempos de Collor deverão ser vistos com a mesma equilibrada distância. A paixão, o parcialismo e até a falta de compreensão do meio em que vive o homem (etologia) são inimigos do pesquisador, e nada mais isento que o tempo.

As perguntas de por que se incomodar com o cangaço ou por qual razão pessoas inteligentes ocupam o seu tempo estudando, perquirindo, buscando luz para o entendimento de um fenômeno que até então, cinquenta anos depois do desaparecimento do último grande nome do cangaço, ainda é visto como simples questão de polícia e bandido, respondemos que a história é a grande mestra do homem e que, somente se constrói o amanhã com as experiências do ontem.

Entender o homem do Nordeste em todos os seus aspectos e nos fatos que marcaram sua história, faz parte da cultura que se deseja preservada e como exemplo de passado sejam reflexões para o futuro.

O cangaceirismo, sob essa prisma é lição de entendimento e parte da história do Nordeste e do Brasil.



CANGAÇO: UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Precisamos dar conhecimento a todos, principalmente aos que estão pesquisando o tema: Cangaço/Nordeste, que ao nos unirmos em exposições, seminários e palestras em torno do assunto, de maneira nenhuma estaremos enaltecendo o banditismo como podem pensar alguns, mas estaremos, estudando e pesquisando um assunto que faz parte da história do nosso povo e portanto deve ser tratado com respeito e o devido conhecimento histórico.

Gutemberg Costa — Pesquisador, escritor do tema

Estas posições iniciais definem com maestria as aspirações daqueles que haverão de se engajar nas fileiras das anotações, pesquisas, por fotografias ou filmes de vídeo, entrevistas e indicações de novos fatos a serem registrados.

A Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço marcou presença em Serra Talhada, em julho p.p., quando da realização do Seminário: Sertão, Beatos e Cangaceiros, organizados pela Fundação Casa da Cultura de Serra Talhada.

Com os pesquisadores Gutemberg Costa e Kydelmir Dantas, estivemos participando da programação alusiva ao 55 anos de morte de Virgulino Ferreira da Silva. Tivemos oportunidade de conhecer pesquisadores do quilate do historiador Frederico Pernambucano de Mello. Entrevistar familiares de Lampião. Realizar fotos e filmagens de ex-volantes. Conhecer a costureira do Rei Vesgo — Dona Especiosa, com seus 94 anos, bastante lúcida e nos informando emocionada o quanto Lampião representava para ela e sua família.

Naquela oportunidade nos reunimos com o grupo de expositores, juntamente com a coordenação do evento e fizemos uma explanação sobre a criação da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço. Houve fraterno entendimento entre o grupo e nos comprometemos em executarmos o erguimento da SBEC juntos e com o pensamento voltado à pesquisa, ao engrandecimento da nossa cultura.

O seminário do Pajeú foi altamente proveitoso. Aproximou pessoas que aparentemente estavam equidistantes. Projetamos uma série de itens que já encontram-se em pleno andamento. Sentimos ao longo dos diálogos, que somos capazes da realização da tarefa a que inicialmente nos propusemos — congregar todo aquele que tenha interesse na cultura nordestina e brasileira.

É intensa nossa motivação os sócios, no sentido de trabalhar com Frei Damião, o índio, os negros — Palmares e Zumbi, o cordel, o violão, a Revolução de 30, o coronelismo, Padre Cícero, Beato Zé Lourenço, as secas, a política, a Coluna Prestes, a sociologia, a antropologia, Canudos e o Conselheiro e outros assuntos que sejam de interesse as nossas pesquisas.

Poderíamos ainda citar — a música, as revoluções brasileiras, tais como: a Revolta dos Jagunços, a Guerra Santa do Contestado, a Revolta dos Tenentes, a Revolta Integralista, a Revolta de Aragarças, a Revolta dos Sargentos e tantos outros movimentos dignos de pesquisa e das nossas observações. A colonização, dando-se especial atenção à portugueses, holandeses, ingleses e mais tarde, a italianos e japoneses. Não poderíamos esquecer a figura tão marcante de Padre Ibiapina, o apóstolo dos pobres. Suas ligações com o Conselheiro antes de alcançar a Vasa Barris.

Sabemos quanto são representativos e palpitantes todos esses itens, principalmente, em não aceitarmos o estudo do cangaço de forma isolada e sim como o universo cultural o mais abrangente que possamos idealizar.

As manifestações regionais, os conceitos da individualidade, o somatório das posições em futuro próximo desaguarão em terreno fértil, capaz de produzir frutos da melhor qualidade, pois, as sementes que ora estamos semeando, são selecionadas e capazes de gerar produtos da melhor qualidade indefinidamente.

Precisamos dos professores, dos editores, dos livreiros, das escolas de 2º grau, das universidades, dos artistas plásticos, das fundações, dos governos, das instituições culturais de modo geral e até mesmo dos organismos internacionais. Esses que trazem os seus pesquisadores na busca de averiguar dentre os nossos ricos temas, quais os melhores para uma defesa de tese ou forma romaneada. Os brasilianistas sempre estão conosco.

Mossoró tem sido visitada constantemente por estrangeiros que buscam informações várias e em especial sobre o cangaço. Temos mantido contactos e agora com a SBEC buscaremos uma aproximação que seja salutar para ambas as partes. Os portugueses detêm o primeiro lugar em suas aparições nesta região e felizes ficamos quando sabemos que no país irmão há interesse nos personagens e temas tipicamente brasileiros. Esperamos que antes do início de 1994 a SBEC já tenha marcado presença na América do Norte e Europa.

A Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço tem como outras metas: outorgar diplomas a pessoas que sejam ou tenham sido (in memoriam) ligadas a filosofia Sbequiana; promover encontros culturais; incentivar a população em geral ao hábito da boa leitura; estabelecer um calendário anual de realizações a nível regional e nacional; realizar pesquisa no campo; conceder aos sócios documento que venha facilitar abertura em setores de documentação e registro; realização conclave anual ou bi-anual para lançamento ou relançamento de livros; concurso fotográfico a nível nacional e outros itens que em breve serão divulgados aos interessados, por carta ou por meio dos órgãos de imprensa disseminados no país.

Precisamos sentar os pés no chão e verificarmos o manancial que encontra-se a nossa espera e buscaremos um sistema disciplinado para agir de forma precisa e abrangente. Acreditamos que o universo reservado aos sócios da SBEC mostre caminhos seguros e saudáveis, no sentido de no futuro ser esta sociedade querida e respeitada por todos aqueles que por ventura dela venham a se aproximar. Nos seus primeiros dias já houve expansão aos futuros sócios residentes nos Estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. A rede de informações começa a ser acionada em prol de uma integração real e definitiva.

A Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço encerrará suas metas de trabalho para este ano, com as comemorações dos 100 anos de Canudos. A realização se efetuará em Natal e Mossoró, com exposição de livros, cartazes, fotografias, vídeos, conferências e análises sobre a figura de Antônio Conselheiro.

Simultaneamente esperamos ter em ambas as cidades para encerrar a promoção a figura ilustre e querida de Sérgio da Silva Chagas — a vovó Dadá.

A Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço presta sua homenagem aos pioneiros do projeto que hora está em franca ascensão, declinando os nomes de Gutemberg Costa, Rai Brito, Kydelmir Dantas, Wilson Bezerra, Chico Bento, Iaperi Araújo, Severino Vicente, João Maria de Lucena, Vingt-un Rosado, João Bosco Queiroz, Filemon Pimenta, Marcos Filgueira, Carlos Alberto, Rosário Saldanha, João Pegado, José Saldanha M. Sobrinho, João Batista Cascudo Rodrigues, José Rodrigues, além de Frederico Pernambucano de Mello, Tarcício Rodrigues, Anildomar Souza, Modesto, Luis Morena, Padre Assis que fomos buscar no vale do famoso Rio Pajeú e por telefone Chico Pereira, Oleano Coelho Fontes e Fenelon Almolda.

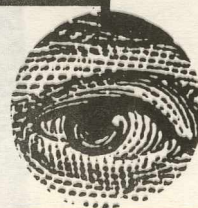
Vamos esperar que os caminhos que hora estamos iniciando, sejam a base acolhedora dos pesquisadores que sentem no diálogo a melhor forma de vida, deixando o monólogo para trás como estrutura de passado. A compreensão, a ajuda mútua, a sinceridade, a coesão são fatores que hoje estamos a precisar, para que futuramente tenhamos a coragem de olhar para trás e felizes ficaremos pela estrada percorrida e a sinalização que devemos continuar no mesmo sentido ou na mesma direção, pois, assim haveremos de legar aos futuros brasileiros o melhor de que somos capazes.

Saudações cangaceiras.

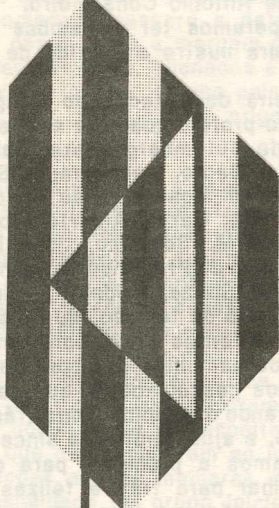
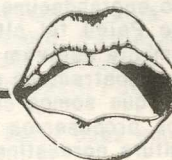
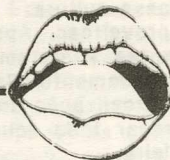
Paulo Medeiros Gastão
Presidente da SBEC

O QUARTO TEMPO

— Onde repousa o mistério —



Porque sou um ser notívago
ansioso de aurora,
clarifiquei noites, dias, madrugadas
repeti luares
obrei magias
reinventando sortilégios
na captura do amor.
E nenhum sol, outra vez
fulgura delícias
assim: meu próprio rosto
pacificado, astuto, pleno.
O olhar profundo,
sugador,
gêmeo da boca insaciada
— que crescem renovados
e fortes como o tempo.
Nem deuses, nem homens:
eu e a Vida, sim
recomeçamos outro ciclo.
Irmã das flores, das águas,
sei o caminhar das estações:
entendo as brisas
debruçam-se-me tempestades
— ouso a beleza.
Não perdi o Paraíso:
anjos harmonizaram rotas
de estrelas e luzes,
doaram-me vias-lácteas.
Sou lua e sol,
no renascer cotidiano.
Nada de eterna primavera
mas, pequena expressão divina
do Poder e da Glória
— tudo o que o círculo
absoluto, simboliza.
Sou o que sou:
(contenho o que me contém)
Amor.



Natal, 27 de setembro de 1992

EDNA DUARTE



Dom Costa

* Jurandir Navarro

Depois de uma vida toda dedicada à Igreja de Natal, Dom Antônio Soares Costa recebe uma nova missão: a de dirigir a Diocese de Caruaru, em Pernambuco, por escolha do Pontífice reinante.

Aconteceu o mesmo, anos passados, com Dom Nivaldo Monte e Dom Alair Villar. Ambos tiveram de deixar Natal para assumirem outras Dioceses, em Aracaju e Amargosa, Sergipe e Bahia, respectivamente.

Esta, a destinação do Sacerdote. Depois da ressurreição, Jesus dispersou seus discípulos para irem ensinar a Boa Nova aos povos de todas as nações, fortalecidos que foram pela benção do Santo Espírito.

Essa orientação que atravessou vinte séculos, continua atuante, na sua plenitude. A pátria do padre católico é o mundo inteiro. Para lavar as feridas do leproso, encontrar a ovelha desgarrada e pregar o Evangelho, ele penetra florestas, transpõe desertos e oceanos. Nada o intimida nem o constrange no desempenho do seu nobre dever.

E Dom Costa, sacerdote do Altíssimo, como discípulo abnegado, honrará esse tradicional compromisso histórico. Ele mesmo proclamou que, como Abraão, seria obrigado a deixar a sua terra por outra, depois de trinta e oito anos de apostolado operoso e edificante.

Todos sabem quão penoso é o seu sacrifício, o de deixar a sua gente, por ele trabalhada com o bálsamo do amor, ele que pelo seu grandioso trabalho realizado, conquistou tantos corações e fez admirável círculo de amizades.

No seu sacerdócio Dom Costa sempre imitou o lema de Justino de Roma, da Igreja Nascente: "Atos e não Palavras"! Ele transformou os pecados púrpuros de sua gente em pecados brancos, veniais. Esse povo, povo de Deus, ficasse devendo muito pelo seu amor devotado, durante tanto tempo. As lágrimas da saudade, da comunidade católica, servirão para lavar-lhe os pés, cansados de tão longa caminhada, como fez a doce irmã de Marta, perfumando com óleo aromático os cabelos loiros de Jesus!

Sim, ele foi um Bispo polêmico. Pedro, o Pescador também o foi, e Paulo de Tarso. No nosso tempo o são Helder e Eugênio. Os grandes homens são polêmicos: na Política, na Ciência, na Religião. Quem mais arrebatado, reto e bom do que Monsenhor Expedito Medeiros?

Todos eles de altiva personalidade.

Dom Costa preferiu a Crítica viva à Quietude morta. Foi sua opção não permanecer no imobilismo retrógrado. Foi à luta com o semblante erguido, iluminado pela luz da Fé!

Plantada no coração da sua gente ele deixa a sua mensagem, o seu carinho, as suas emoções. Todavia, um marco deixará visível e indelével para a posteridade e que fixará a sua memória: a Igreja Catedral. Qual novo Salomão, também edificou um templo esplendoroso ao seu Deus! E qual Abraão, também sentiu, no coração, a dor do sacrifício pela perda de um ente querido: a sua mãe amantíssima faleceu justamente no dia da grande festa!

Inobstante ter nascido em Nova Cruz, deste Estado, chegou a Natal com apenas três meses de idade.

Conta-se que, escolhida sua vocação, percebeu que seus pais, muito pobres, não poderiam arcar com as despesas do enxoval do Seminário. Então, dissera para sua genitora, que poderia ir para o Convento dos franciscanos, o qual exigiu apenas um par de sandálias! Tal gesto reflete a generosidade de um coração e a grandiosidade de uma alma!

Estudou, antes na escola pública. Depois, entrou no seminário São Pedro, concluindo os anos de formação eclesial em mil novecentos e cinquenta, quando transferiu-se para Fortaleza para os estudos superiores de Filosofia e Teologia. No dia da Conceição Imaculada foi ordenado sacerdote pelo então Bispo Auxiliar Dom Eugênio Sales.

Foi, durante sete anos, Secretário Particular de D. Marcolino Dantas, quarto Bispo de Natal e seu primeiro Arcebispo.

Capelão do Sanatório "Getúlio Vargas", da Casa de Saúde "São Lucas" e do Marista, neste último durante dez anos. Lecionou no Seminário, na Escola Técnica Federal e na Escola do Comércio de Natal.

Dirigiu a Ação Católica, atuando nos grupos de JEC, JUC e MFC.

Na gestão de D. Eugênio foi Chanceler da Cúria Metropolitana durante um decênio, tendo sido coordenador dos Secretariados Arquidiocesanos de Opinião Pública e da Defesa da Fé e da Moral. Dirigiu o Conselho de Consultores e o Presbiterial, sendo, ainda, membro das equipes integradas das Paróquias da Catedral e Santa Terezinha.

Em mil novecentos e sessenta e nove foi contemplado com um Curso de Espiritualidade Pós-Conciliar, em Roma, no Centro Internacional Pio XII.

Aos dias dois de dezembro de mil novecentos e setenta e um foi nomeado Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Natal, com o título de Sínada de Mauritânia.

Durante o Bispado em Natal foi Vigário Geral, Coordenador da Pastoral, Vigário Episcopal para os leigos e Presidente do Serviço de Assistência Rural.

Inaugurada a Catedral foi designado seu Reitor. Como atividade externa exerceu a presidência da Regional Nordeste II e foi membro permanente da CNBB, Coordenador Regional de Ministérios e Vocações, do Programa Regional de Educação Política e atualmente é o Bispo responsável pelo Setor da Juventude do Regional Nordeste II.

A nível nacional preside o Movimento de Educação de Base — MEB.

Dotado de um generoso coração e lúcida inteligência, aliados a uma vontade de fazer, Dom Antônio Soares da Costa, sacerdote do Altíssimo, ainda tem muito que dar pela Igreja Católica do Brasil.

* Jurandir Navarro é escritor.

NAC

A Cultura Vive na UFRN



Quarteto de Cordas da UFRN.



Grupo de dança da UFRN.

* Maria Olga Aranha

O NAC — Núcleo de Arte e Cultura, órgão suplementar da UFRN, ligado à Pró-Reitoria de Extensão Universitária, é responsável pela política cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

No ano letivo de 1993, o NAC executou a sua programação nos vários setores de sua competência: de março a dezembro funcionaram os cursos permanentes no **Atelier de Artes: Pintura**

a Óleo para principiantes, Modelagem, Aperfeiçoamento em Pintura a Óleo e Técnicas para Criatividade Infantil. Paralelamente, foram oferecidos, também, cursos de curta duração como: Cerâmica em Torno Elétrico, Aquarela, Desenho de Observação, Técnica em Pastel e ainda uma Oficina de Bonecos e Adereços Teatrais.

Na **Galeria Conviv'art**, administrada pelo NAC, que funciona no Centro de Convivência da UFRN, os artistas plásticos dispõem de um espaço para a realização de exposições coletivas ou individuais.

A **Videoteca**, sala com TV e videocassete, é um mini-auditório funcionando quer como sala de aula para professores e alunos, quer como espaço de lazer para a comunidade universitária.

Ainda no Centro de Convivência funciona a **Cinemateca** que possui um valioso acervo doado pelo pesquisador Aldo Medeiros. Desenvolve projetos de cursos como o "Cinema Através dos Tempos".

São vinculados ao NAC os seguintes grupos artísticos: A **Camerata**, originária do projeto "Núcleo de Formação de Instrumentistas Infanto-Juvenis" que segue os princípios didáticos do Projeto Espiral e existe desde 1979. Através de convênios firmados entre a UFRN e Instituições públicas ou privadas, tem realizado importante trabalho no campo da música erudita e popular, promovendo concertos didáticos em bairros da capital e no interior do Estado. A Camerata já se apresentou em outras capitais nordestinas. É composta por vinte e quatro músicos, tem como Diretor Artístico o professor e violinista Ricardo Craciun, que é assistido pelo professor Esteban Craciun.

O **Quarteto de Cordas** da UFRN foi criado em 1977. É formado pelos professores Osvaldo D'Amore, 1º violino e diretor artístico; Ricardo Craciun, 2º violino; Ricardo Miguel Kolodiuk, viola e Miguel Szilaggi, violoncelo. O Quarteto divulga a música erudita e popular na comunidade universitária e alcança, em sua função educativa, as populações da capital e do interior do Estado.

Em 1981, o Quarteto recebeu o 1º prêmio no II Concurso de Música de Câmara da Universidade Federal do Pernambuco, já gravou um LP e um CD. O primeiro para comemorar os 30 anos da UFRN. O CD, lançado em dezembro de 93, comemorou os 35 anos da Universidade, incluindo no repertório compositores populares e do Rio Grande do Norte, além de Villa Lobos e Osvaldo Lacerda.

O **Grupo de Dança** surgiu de um Projeto de Pesquisa e Extensão coordenado pelo professor Edson Claro, do Departamento de Artes da UFRN, em 1990. O grupo é formado por 30 bailarinos entre professores e alunos dos diversos cursos da UFRN. Aplica o método Dança — Educação Física, juntamente com exercícios de balé clássico e moderno.

Desde a sua estréia, em 1990, desenvolve projetos de cursos e eventos atendendo a comunidade em geral nos diversos bairros da periferia de Natal. O grupo já se apresentou em São Paulo, no IV Congresso de Dança-Educação Física.

O NAC desenvolve, ainda, projetos com outros segmentos da UFRN. Por exemplo, o curso de Formação de Instrumentistas de Cordas em parceria com a Escola de Música. Este projeto tem grande importância porque visa a realimentação da Camerata e também da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte.

Apesar de não possuir dotação orçamentária, o NAC recebe o apoio decisivo do gabinete do Reitor e da Pró-Reitoria de Extensão Universitária, como também do NUPLAM, Cooperativa Cultural Universitária, Escola de Música, Departamento de Artes.

O NAC participa, ainda, de eventos e cursos em parceria com a Fundação José Augusto como o Curso de Extensão "Universo da História da Arte" que vem sendo oferecido pelo 3º ano consecutivo na FJA, com duração de 200 horas e ministrado pelo Prof. Franco M. Jasiello.

Maria Olga Aranha
Diretora do NAC

Poema do regresso

Um dia, eu irei
Pensarás que não voltarei.
E ficarás só, tristemente só,
Porque pensas que me fui
para não voltar,
para não regressar.

E ficas a esperar, esperando.

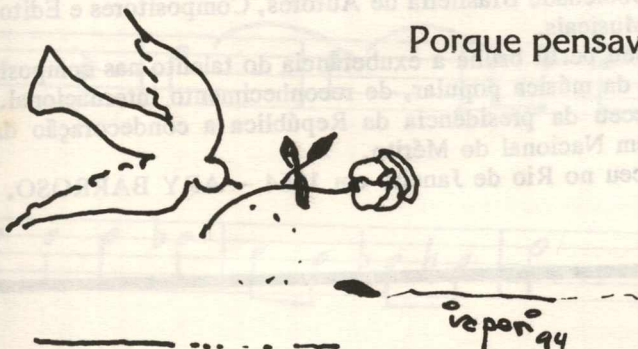
Um dia, também irás
Porque, cansada de esperar
Pensaste que não mais voltaria.

Mas eis que um dia,
Um dia, na eternidade,
Além das fronteiras do tempo
Repousado e feliz,
Voltarei eu, voltarás tu.

Comigo e contigo voltarão
Aqueles que juntos choramos
Porque foram adiante.
Voltarão também os que tinham ficado
E, impacientes, se foram na nossa ausência
Supondo que nos havíamos extraviado

Todos então voltaremos: um dia,
Repousados e felizes,
Cantando as alegrias
Das lágrimas choradas em vão

Porque pensavas que eu não voltaria.



Perfil de Compositor Brasileiro

* Pedro Ferreira



Natural de Ubá, Minas Gerais, se vivo estivesse, teria festejado seu centésimo aniversário em 1993.

Formado em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro, teve sua vida marcada pelas atividades profissionais trabalhando em escritório, tocando em cinema, irradiando competições esportivas. Como locutor de rádio deixou um traço sensível quando confirmou a "Hora do Calouro".

Sua silhueta, entretanto, só aflora, como em iluminura, quando se fala da sua música. Pai e tias eram apaixonados por essa arte. Deles recebeu os ensinamentos de teoria, solfejo e piano. Logo cedo revelou o toque decisivo do seu perfil: A Composição. E a primeira dos seus sucessos se deu aos quatorze anos: "De Longe", uma valsa. Aos dezessete: "Ubaenses Carnavalescos", um hino.

Com sua ida para o Rio abriram-se novos horizontes para as possibilidades de compositor. Vieram os espetáculos das "Revistas", participando como co-autor em:

Ai Tereza
Banco do Brasil
Pacificação
Vai com Fé

Em parceria com Luis Peixoto compôs a opereta: Malandragem. Vieram os carnavais. O de 1930 abriu a consagração para o reconhecido sucesso com a marcha:

Dá nela

Os demais brotaram de:

No rancho fundo
Maria
Tu
No tabuleiro da baiana
Boneca de Pixe
Iaiá boneca
Canção do trolinho
Na baixa do sapateiro
Os quindins de iaiá
Terra seca
Aquarela do Brasil

Pretendendo conquistar o público norte-americano parte para os Estados Unidos em 1944, e recebe o diploma Walt Disney da Academia de Ciências e Artes cinematográficas, graças ao valor da composição:

Você já foi à Bahia?

Sua idéia era, na verdade, trabalhar em "night-clube", e escrever para o cinema:

Brazil
Three little Girls in Blues

Seu estilo musical evoluiu por três fases: inicialmente a simplicidade de criação acompanhava os padrões utilizados por Sinhô.

Num segundo passo deu ao samba um cunho mais estilizado, alcançando por fim uma expressão grandiosa na música popular brasileira através da seriedade com que tratou sua orquestração.

Estigmatizado por uma personalidade atrelada ao movimento musical de nossa gente, seu interesse pela melhoria das condições culturais se revelou quando exerceu as funções de conselheiro da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, quando ajudou a fundar a União Brasileira de Compositores, e a Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Editores Musicais.

Do seu perfil brilha a exuberância do talento nas composições da música popular, de reconhecimento internacional. Mereceu da presidência da República a condecoração da Ordem Nacional do Mérito.

Faleceu no Rio de Janeiro em 1964 — ARY BARROSO.

* Pedro Ferreira é regente do Coral Canto do Povo.

Bra - sil - - - du Bra-sil bra-si - lei - ro - - -

to-da can-ção do meu a-mor —

Racine Santos e o novo teatro nordestino



Racine Santos (em pé), ao lado do encenador Moncho Rodríguez, durante o III Encontro de Dramaturgos do Nordeste, falando sobre a Nova Dramaturgia Nordestina. O Encontro foi realizado em Natal em outubro de 1992.

Racine Santos é hoje um dos dramaturgos de grande atividade no Nordeste. Em 1990, escreveu e produziu "A Luz da Lua, os Punhais", com estréia em Portugal. Depois, "A Grande Serpente", que estreou em Recife, em 1992. Atualmente está com "Elvira do Ipiranga", a percorrer a região e se preparando para viajar a Portugal, mais uma vez. "A Farsa do Poder", escrita em 1980, continua sendo representada em diversas partes do país.

O dramaturgo nasceu em Natal, em 1943 e não pretende deixar a cidade a qual denomina de "Vivio". É também um estudioso da cultura nordestina e autor de mais de uma dezena de peças. Lançou o movimento chamado "NOVO TEATRO NORDESTINO" que julga essencial para soerguimento da arte.

ENTREVISTA

O Galo — Fala-se muito da crise da dramaturgia brasileira. Ela existe? Como você está vendo o Teatro brasileiro hoje?

Racine — Passada a moda do teatro do encenador, dos espetáculos vitrines, com cenário bonitinho, figurino bonitinho, iluminação bonitinha, mas sem a essência do teatro que é o ator e a palavra, acho que o teatro brasileiro está aí com toda sua pujança para quem quiser ver. De Vereda da Salvação à Vau da Sarapalha, de São Paulo à Paraíba; de Vestido de Noiva à Deus Danado, do Rio ao Recife, o teatro brasileiro, a parte mais enfiada

da nossa literatura, no dizer de AFRÂNIO COUTINHO, está a todo instante mostrando que está vivo e o quanto é importante no processo cultural brasileiro.

O cinema está falido, a poesia continua ainda discutindo áridas questões formais, o romance é acidental, a música popular reduziu-se a ritmos de tambor da Bahia... O teatro, não. O teatro está vivo, pulsando, inquietando, instigando. Vejo o trabalho de um José Celso, Moacir Góis, Romero Andrade, Gabriel Vilela, Naum Alves, Bráulio TAVARES, Noemi Marinho e mais uma pá de gente fazendo o teatro brasileiro avançar. Nosso teatro não está morto, está vivíssimo.

O Galo — E, particularmente, no Nordeste, onde você atua, como anda esse teatro?

Racine — O teatro no Nordeste brasileiro passa por uma grande renovação. Sem perder suas raízes, sua identidade cultural, o teatro nordestino está caminhando para uma contemporaneidade que o afasta do "nordestinismo" e o aproxima do teatro universal. Estamos fazendo hoje o Novo Teatro Nordestino.

O Galo — Que teatro é esse?

Racine — Olhe, quando se lê sobre o teatro brasileiro, inclusive o "Panorama do Teatro Brasileiro" de Sábato Magaldi, quando este aborda o teatro produzido no Nordeste só fala em Ariano Suassuna. Então, para a crítica brasileira e a maioria dos produtores, só existe "A Compadecida". Quando eu falo no novo teatro

nordestino é o teatro que está sendo feito rompendo esse conceito, essa imagem de um teatro à Ariano. Um teatro que embora pautado nas raízes populares do Nordeste, em seus mitos, suas lendas, seu imaginário, sua poética, vestiu-se com nova roupagem dramática e técnica. É um teatro comprometido com a luminosidade da região. Não nos interessa o gelo-seco, a angústia do homem europeu. Nosso teatro é novo porque é nova a problemática do homem nordestino/brasileiro.

É preciso rever Glauber Rocha, que nunca teve vergonha de utilizar versos de cantadores de feira em seus filmes revolucionários. Estamos de olho no mundo sem perder de vista nossa realidade cultural, ou melhor, nosso manacial cultural. "A Luz da Lua, os Punhais" por exemplo, rompe com todo o teatro tradicional do Nordeste. Utilizando novos códigos e um gestual bebido na saga dos cangaçeiros, nos versos dos cantadores de feira, embora falando do cangaço, a peça é um salto para a contemporaneidade.

O Galo — Quem está fazendo esse novo teatro nordestino?

Racine — Luiz Carlos Vasconcelos, Romero Andrade Lima, João Dinis, Osvaldo Barroso, Rubem Rocha Filho, Paulo Vieira, Eliezer Filho, Aldo Leite, toda essa gente que bebe a cultura nordestina. Muitas vezes utilizando o artesanal como ferramenta, mas procurando no ator e na palavra um novo código para um novo gesto teatral.

PRÊMIO DE POESIA “AUTA DE SOUSA”

Alexandre Neves Moreira

Tens o chicote e o ergues como em fúria
tens, limite entretecido nos pés - finos sargaços
louvasa o erro como libertação

Eu me calo - raio e risco sobre o solo
dos teus vícios enfeitados
contradança - tu te moves
como quem adeja e basta um tiro
um disparo que te arquejas e nos olhos
há mais água do que antes
domesticado tu retilges friamente
sou tão seco

Tens o chicote e todas as moedas
por estar bem perto do porto partirei
sibilas como em fúria e um disparo
te arranca toda a capa da ambição
ao longo as velas vão
criando na distância uma passagem
que me conduzirá a tantas vítimas
e brindemos aos pássaros fugazes

Eu me calo - ergui vento para construir moinhos
em seus pés me enredo e agora giro
debaixo disto tudo ris um riso
de estátua no jardim - como és bonita

Faz um pouco de frio - desliga o ar.

Alexandre Neves Moreira foi o primeiro colocado no concurso de poesia “Auta de Sousa”

CIDADE DO NATAL (1941-1991)

Tarcísio Rosas



O Governo do Rio Grande do Norte, através da Fundação José Augusto, inaugurará proximamente um dos mais importantes e significativos museus dentre quantos possui a Capital do Estado, o Museu da Aviação e da Segunda Guerra Mundial. Por feliz coincidência, estudo realizado pelo Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine, da mesma Fundação, houvera por sua vez abordado o tema em capítulo específico, dentro do meio século que cobre o período 1941-1991. Podemos assegurar, face aos elementos coligidos e aos acontecimentos analisados e narrados, que se trata de um dos momentos mais expressivos da história da cidade.

Os complexos meandros da política internacional, então desenvolvido de forma nitidamente passional, acabaram por arrastar o país para aquela aventura bélica. O que antes parecia pesadelo à distância, o terçar d'armas na justa dos poderosos combatida na liça em que se tornaram os campos da Europa, ameaçava chegar às águas cálidas e límpidas do Nordeste.

A primeira reação foi de estupor. É indiscutível que a intempestiva chegada de milhares de estrangeiros e de brasileiros de outras regiões numa cidade que se caracterizava, literalmente, por um extremo provincianismo, tenha operado sensível ruptura nos modelos ou padrões comportamentais até então vigentes, com aqueles vieram os anfíbios, os blindados, os petrechos pesados que dariam outra dimensão a paisagem da cidade.

Aquele cotidiano, denso em movimento, era a negação de tudo quanto fora incorporado e exercitado pelos hábitos e costumes da população ao longo do tempo, tradicionalmente aferida a normas de conduta essencialmente simples e tranquilas. O que terá permanecido de útil, de duradouro, em vista dos processos interativos ocorridos naquela oportunidade? É este o ponto que reputamos fundamental, mais expressivo de que os dólares que passaram a circular em generosa profusão e, talvez, do que o alargar das fronteiras da comunidade em novos arruamentos e na multiplicação de bairros.

Mas há outros fatos interessantíssimos, naquela quadra: as dissensões no Gabinete Brasileiro, o torpedeamento de navios nacionais, a apreensão em Natal nos momentos antecedentes à entrada do Brasil no conflito, a construção e provimento de quartéis e da Base Aérea, os famosos "blakouts", e, enfim, o estabelecimento das relações sócio-culturais entre nativos e estrangeiros. Infelizmente o espaço que dispomos, aqui, não permite o seu detalhamento.

Na sequência daquela pesquisa, cuja publicação deverá ocorrer neste primeiro semestre de 1994, há, certamente, outros acontecimentos de expressão, verificados no espaço dos 50 anos assinalados. O universo de ocorrências, nas mais diversas áreas, é bastante amplo, o que requereu não só considerável esforço de síntese mas, sobretudo, certa percepção de conjunto, de sorte a apreendermos o essencial mas sem omitirmos fatos secundários que permeiam o núcleo dos acontecimentos, desprezando só aqueles que, mesmo às vezes curiosos, em nada contribuem para uma melhor compreensão da realidade.

A criação da UFRN, a administração Djalma Maranhão na Prefeitura de Natal, a crise institucional de 1964, o surto industrial, a implantação de estruturas como a Base da Barreira do Inferno, CATRE e Campus Universitário, o desenvolvimento dos veículos de comunicação de massa, etc., são descritos de forma simples e clara, permitindo o acesso à sua leitura por parte dos jovens estudantes, talvez o seu mais importante destinatário.

Eis o que é Natal, 1941-1991, cujo capítulo de abertura fala de guerra mas que, em sua conclusão, aborda a visita de Karol Wojtyła, o Papa, a cidade. Aí terminam nossos apontamentos e nossa crônica, não a ideal mas a possível.

Tarcísio Rosas é Sociólogo.

Labim/UFRN

A PALAVRA E A IMAGEM

Franklin Capistrano



FÁLVES
SILVA

Os meios para a compreensibilidade possível do real e/ou irreal, nas manifestações artísticas, tiveram sua origem na leitura da imagem visual. E foi através de um longo processo de aprendizagem que, progressivamente, o homem vem apreendendo o significado da linguagem verbal/gráfica, estando esta incluída, de forma definitiva na intertextualidade da comunicação moderna, pelas mensagens informacionais da tecnologia de ponta gerada pelos Computrs Graphics.

No estudo evolutivo da linguagem verbal/ escrita, podemos identificar uma sequência de acontecimentos/ fatos no estabelecimento do alfabeto verbal, alfabeto com uma diversificação de sentidos segundo elementos codificadores de imagens (ideogramas) de uma multiplicidade tão diversa quanto as inúmeras culturas/ e / ou conglomerados culturais que permeiam este nosso universo terreno. Assim, desta multiplicidade de fatores surgiu uma escritura de signos, constituídos por grafemas (letras/ sinais gráficos) que veio a constituir os chamados ALFABETOS que diversificaram e individualizaram as mais de três mil línguas que atualmente se fala no mundo.

A linguagem verbal, veio assim, se impondo, forjando/ forçando o desenvolvimento da cultura em todo um direcionamento mais voltado para o conhecimento artístico/ científico/ técnico e industrial da humanidade. Não resta dúvidas que foi através de grafias da escrita ocidental, de caligrafias da escrita Oriental, que a linguagem verbal, a partir da linguagem oral erigiu todo um sistema de símbolos, todo um conteúdo de civilizações, provocador de inventividades possíveis, através do estabelecimento/ reconhecimento do raciocínio lógico da linguagem verbal, dando ao Homem a possibilidade máxima de sua expressividade criativa

a partir dos elementos estruturados pelo conhecimento lógico da palavra, expressão maior do pensamento e da afetividade.

De fato, nenhuma reflexão pode nos distanciar desta verdade intangível: o nível de comunicação verbal chegou ao máximo de sua evolução histórica. Embora o homem procure agora o anti-dizer, pelo esgotamento possível de comunicabilidade verbal, esta verdade comunicacional tenderá a persistir enquanto o Ser se fizer presente na órbita solar.

No entanto, esta viagem da palavra através dos tempos, com certeza, hoje, nos faz consciente do reencontro com o passado quando, deixando o caminho da visualidade como forma de comunicação social intertribal, o homem seguia a trilha da fala/ palavra/ escrita como meio primeiro de desenvolvimento de seu amadurecimento intelectual/ cultural, para chegar novamente ao caminho da comunicabilidade visual/meio mais pragmático de se chegar a um sistema de signos capaz de desencadear os elementos definitivos para a estruturação do que poderíamos chamar de alfabetismo visual. Ou seja, instituir a escrita universal para um alfabeto unicamente visual, capaz de decodificar as imagens com tanta naturalidade quanto a retina e elementos fisiológicos da visão. Parece-nos que estamos chegando mais próximo, muito próximo do pensamento de CALEB GATTEGNO quando enfatiza em seu trabalho "TOWARDS A VISUAL CULTURE" — "Embora usada por nós com tanta naturalidade, a visão ainda não produziu a sua civilização. A visão é veloz e de grande alcance, simultaneamente analítica e sintética. Requer tão pouca energia para funcionar, como funciona, a velocidade da luz, que nos permite receber e conservar um número infinito de unidades de informação numa fração de segundos".

Em "SINTAXE DA LINGUAGEM VISUAL" DONIS A. DONDIS, afirma — "Não é difícil de detectar a tendência a informação visual no comportamento humano. Buscamos um reforço visual de nosso conhecimento por muitas razões; a mais importante delas é o caráter direto da informação, a proximidade da experiência real". Esta busca de reforço visual, na verdade está presente, na busca de uma linguagem visual/ universal, a partir do que afirmamos: o estabelecimento de um alfabetismo visual único que seja capaz de gerar combinações infinitas nos elementos constitutivos do registro da memória visual. Esta tarefa caberá as gerações do próximo milênio, uma vez que as bases para a compreensão desta linguagem foram edificadas, a partir do surgimento da fotografia, do cinema, da televisão, a informatização/ computação/ gráfica. Na verdade não podemos esquecer a força criativa que herdamos da mímica, do teatro, da dança, da pintura, como elementos primeiros figurativos da linguagem visual.

ARTHUR KOESTLER, em seu "THE ACT OF CREATION" nos ensina que "O pensamento através de imagens domina as manifestações do inconsciente, o sonho, o semi-sonho hipnagógico, as alucinações psicóticas e a visão do Artista. (O profeta visionário parece ter sido um visualizador e não um verbalizador; o maior dos elogios que podemos fazer aos que se sobressaem em fluência verbal é chamá-los de — pensadores visionários"). Estas considerações podem nos projetar para aquela situação de interminável busca e reencontros com a imagem visual/ imagem mental, encontro possível de estabelecer um universo linguístico não dicotomizado, mas interprodutivo/ dinâmico, de um universo vocábulo/ visual, que pelas características atuais de nossa cultura está se desenhando como força maior para o conhecimento da realidade do homem, dito civilizado

Franklin Capistrano
poeta e psiquiatra

Revisão Constitucional

Porque a OAB

é Contrária

Hélio Vasconcelos*

O acervo histórico das lutas encetadas pela Ordem dos Advogados do Brasil a credenciam perante a Nação e, em consequência, à opinião pública, como uma Instituição que sempre pugnou pelas mudanças e transformações sociais.

O ideário da OAB, para lembrar apenas episódios mais recentes, conta com a luta contra a ditadura militar, pela anistia, pelas Diretas Já e o Movimento Nacional pela Ética na Política. Enquanto Corporação dos advogados brasileiros, ela tem sido, atenta, também, aos problemas da classe na defesa intransigente das prerrogativas dos profissionais de Direito.

Posta a questão da Revisão Constitucional, a Ordem, ao lado de outras Instituições nacionais, mostrou-se contrária, porquanto entendeu, que a sua mudança nos termos pretendidos, consoante o disposto no art. 3º do ADCT, possibilitaria que fossem retiradas as conquistas sociais e trabalhistas, bem como a própria ordem econômica fosse afetada, com o fim dos monopólios estatais.

A base jurídica que sedimenta a posição da OAB, é que o processo legislativo previsto no Corpo da Constituição de 1988, não prevê a hipótese de revisão, e tão somente admite a Emenda à Constituição, para a qual exige: a) quorum qualificado de um terço, no mínimo, dos

membros das duas Casas do Congresso; b) apreciação, discussão e votação de todas as matérias, em dois turnos, pelo Senado e pela Câmara, separadamente.

Uma outra corrente jurídica sustenta que tendo o resultado do Plebiscito confirmado a República e o Presidencialismo, não haveria sentido, fazer-se a revisão, porquanto, no entender desta corrente, a revisão prevista no art. 3º, estaria vinculada ao disposto no artigo 2º, do mesmo Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Tem-se, assim, que o caminho certo para se proceder a revisão da Carta Magna é o das Emendas.

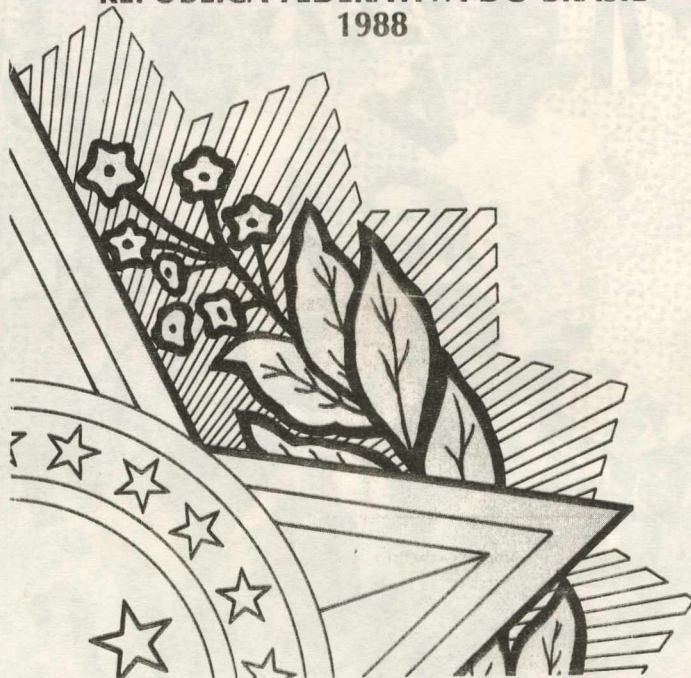
Tem a OAB e temem as outras Instituições de vanguarda do país, que o processo "facilitário" previsto no art. 3º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, "voto da maioria absoluta dos membros do Congresso Nacional, em sessão unicameral", transforme a revisão numa oportunidade para que se retire da Carta Magna toda a gama de direitos nela encartada e que tiveram origem nas emendas populares, amplamente discutidas e votadas pelo Congresso Constituinte.

As forças do atraso já demonstram, desde agora, o que pretendem suprimir na Constituição, o que estão fazendo em nome de uma falsa "modernidade" que todo o país já viu que não deu certo, sem que seja preciso relembrar



CONSTITUIÇÃO

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
1988



episódios bem recentes. Querem também, sob o pretexto de "enxugar o Estado" ferirem de morte os monopólios estatais, desconhecendo a luta dos patriotas brasileiros que deram sangue e vida por essas vitórias.

É importante lembrar o que dizia, há poucos dias, uma pessoa experiente: se for quebrado o monopólio das telecomunicações como ficarão os municípios mais longínquos e mais pobres do País? Haverá interesse da iniciativa privada em manter um posto ou telefone público em um local que não haja movimentação compensatória do lucro? Respondam as vivandeiras da privatização.

É triste, é lamentável mesmo, que enquanto o País oferece sinais evidentes de respeito ao exercício da cidadania o Congresso Nacional, com seus membros em final de mandato, queira exercer, a todo custo, o papel de revisor de uma Constituição que estabelece no seu art. 60 que o processo legislativo para a sua modificação é o das emendas, obedecidas as exigências já citadas e conhecidas.

É necessário, por isso mesmo, que o povo permaneça atento e vigilante, exercendo o seu direito de pressão para que os revisores dos "ritos apressados" não suprimam da Lei Maior as conquistas nela inseridas.

* Hélio Vasconcelos é o Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção do Rio Grande do Norte.

**QUISERAM-ME OSTRAS.
E EIS-ME OSTRAS.**

**QUISERAM-ME NOITE.
E EIS-ME NOITE.**

**QUISERAM-ME RUÍNA.
EIS-ME RUÍNA.**

**HAVERÃO DE QUERER-ME
AINDA?**

O Baobá de Macaíba

Diógenes da Cunha Lima



Baobá será preservado.

Um baobá vive de três a seis mil anos. Na África, de onde se originou, é árvore sagrada. Nele se enterram os grandes guerreiros, músicos, poetas. Crêem muitos africanos que a alma do morto continua a viver na alma do baobá. O baobá representa também preservação e é objeto de culto, com fitas, velas, ex-votos como se fosse santo.

Como um baobá foi viver em Macaíba? Está sendo bem tratado?

Convidados pela prefeita Odiléia Mesquita, fizemos uma visita ao baobá de Jundiá, vez que havia notícia de que a árvore estava sendo danificada. O que encontramos foi muito pior do que se poderia imaginar. A árvore centenária estava cortada por cupins e com nomes feitos à faca por pessoas que pretendem o registro dos seus nomes e de sua má ação na casca da árvore. Ademais a estrada de asfalto faz um "desvio" para passar exatamente por sobre as raízes do baobá. Para o projetista da estrada a reta não é o caminho mais curto entre dois pontos. O baobá também sofre a concorrência de outras árvores de menor porte, plantadas vizinhas e foi perfurado por ferro para amarrar cavalos.

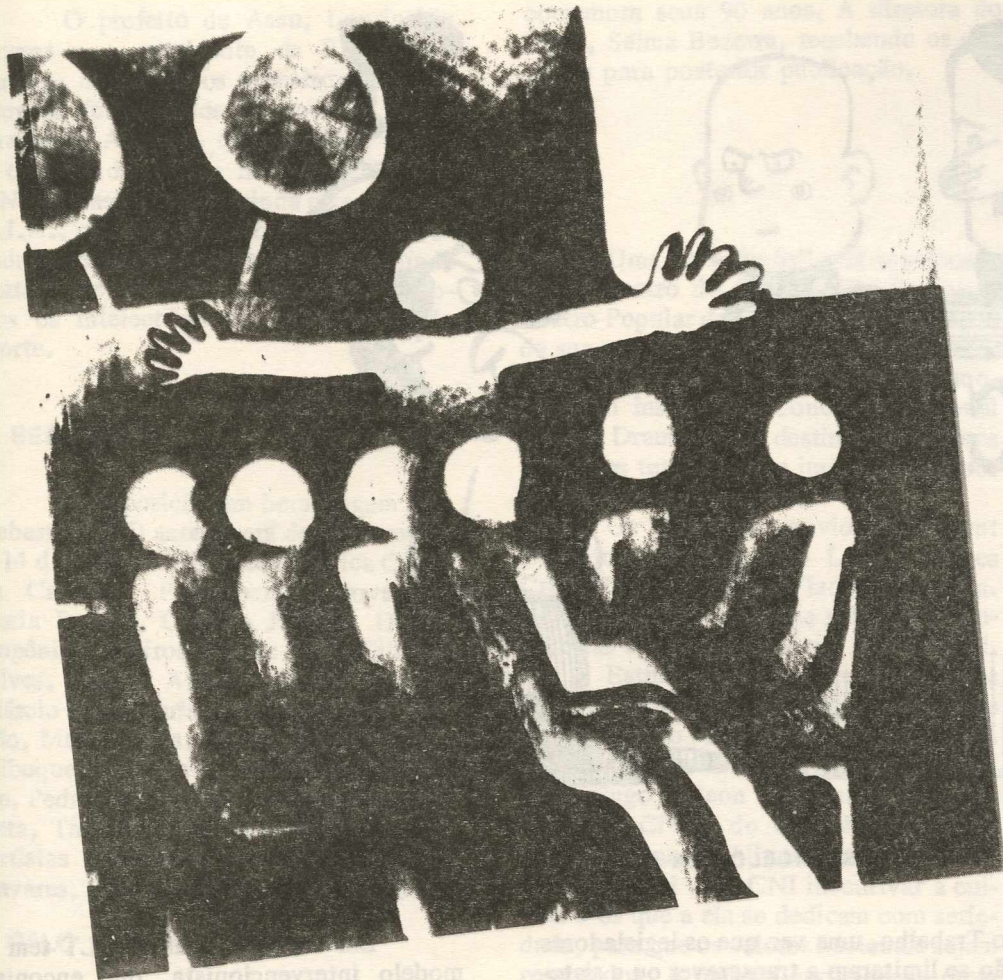
O mestre Luiz da Câmara Cascudo disse que os baobás do Rio Grande do Norte foram trazidos pelos escravos africanos porque para eles eram consagrados. Imagine-se a dificuldade que eles teriam para transportar as sementes num casco de navio. A revista Panorama da Embaixada da África do Sul registra que uma árvore testada com carbono tendo seis metros de diâmetro, teria mais de mil anos. Somente a antiguidade já mereceria o respeito. Temos três baobás no Rio Grande do Norte. O de Natal que é a história (ou a lenda) ligou a Saint Exupéry, o de Nísia Floresta, o baobá de Nísia, e o de Macaíba que pensamos não esteja longe de se ligar a Auta de Souza, à santa canonizada pelo povo, que gostava de plantas.

Com esta eficiente, corajosa, amiga, de inegável talento Odiléia Mesquita, imaginamos garantir o futuro da árvore, que deve ser sagrada para a população. Visitamos o Professor João Inácio, Diretor da Escola Técnica de Jundiá, que nos prometeu todo o apoio. Acabar com o cupim; cercar um hectare local, que deve ser praça objeto de estudo e de defesa do meio ambiente, valorização da árvore e da história, inclusive para os alunos da Escola Técnica de Jundiá. O Diretor do DER, Demétrio Torres, é pessoa capaz de retirar o desvio da estrada, evitando a atual e perigosa curva, liberando as raízes do baobá.

Não será um fato extraordinário, a união dos governos municipal, estadual e federal para salvar uma árvore e dar a ele destinação bonita e educativa. Ao menos, ficará o exemplo.



Odiléia da Costa Mesquita



Um Filme só se completa ao ser visto

Hermano Figueiredo*

neclubista. Parecia que depois de anos de luta havíamos conseguido, em breve não seríamos mais "visionários".

Seria um sucesso! Seria ampliado o projeto em escala regional e depois nacional e formaríamos o grande circuito alternativo de cinema no Brasil. Entretanto os recursos foram repassados para a Fundação José Augusto 13 meses depois, corrigidos em cerca de 100% quando a inflação do período beirava 2.500%. Desta forma o projeto que garantiria seis meses de programações cinematográficas e a formação de cineclubes em todos municípios do RN, foi suficiente apenas para quatro filmes em oito cidades, ainda, assim, foi um sucesso onde aconteceu. Houve um público médio de 400 expectadores por sessão.

O projeto do circuito popular de cinema será novamente enviado ao ministério e esperamos que o Ministro de Planejamento e sua equipe entendam que não pode haver consciência nacional sem consciência democrática, e que os verdadeiros democratas saibam que o acesso a produção cultural por parte de maiores parcelas da população não chegará com a conquista da cidadania plena, antes será uma pré-condição para que esta conquista se efetive.

Após a liberação de verbas para a produção de filmes, o então ministro da cultura saiu alardeando a importância que via no cinema como agente formador de consciência e até para uma "revolução cultural". Interessante ouvir isto de um ministro de Estado e ainda mais, do Brasil. Mas, o que escapa a visão elitista, por mais que pretensamente democrática do governo é que não basta produzir filmes, uma vez que o filme só se completa ao ser visto. E sem uma política eficaz de formação do espectador, o cinema brasileiro continuará sem chances de competição no mercado exibidor. Por outro lado, tomando como exemplo o Rio Grande do Norte com mais de 150 municípios dos quais apenas quatro, incluindo a capital, dispõem de qualquer tipo de sala exibidora, conclui-se que a grande maioria da população do nordeste, para não dizer do Brasil, terá possibilidades mínimas de acesso a essa produção, ora financiada com recursos públicos, estando portanto essas populações a margem da formação de consciência, "identidade nacional" e "revolução cultural" do ministro.

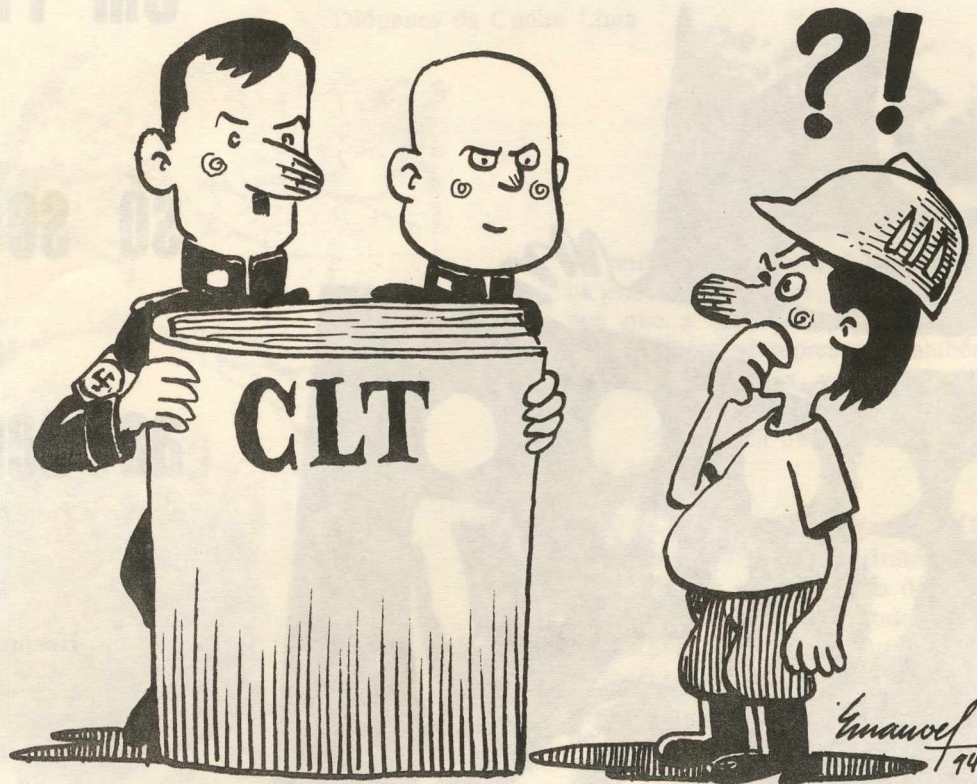
Não sou, absolutamente não sou, contra a destinação de verbas para a produção cinematográfica, muito pelo contrário, juntei a minha voz aos que protestavam contra a sanha anti-intelectual e anti-artística do governo Collor, essa reivindicação também era minha e quase mandei o projeto do meu filme. O que simplesmente não posso aceitar é a cumplicidade dos que, depois de atendidas algumas reivindicações aplaudem esse discurso. Destinar o dinheiro público para a produção de filmes que a grande maioria da população não poderá ver é injusto, anti-democrático e anti-ético, não se pode continuar pensando a produção sem pensar na veiculação.

Com a queda do Sr. Moscardo, assume a pasta o Sr. Nascimento Silva anunciando que após o jejum da era Collor, o cinema fora enfim contemplado e agora seria a vez de "dedicar especial atenção ao Teatro". Como são simples as coisas para estes senhores!

Não falo gratuitamente, apresentamos pela Fundação José Augusto o projeto circuito popular de cinema pelo qual cada grupo de quatro cidades do RN receberia um kit composto de projetor 16 mm e tela. Seria também enviada uma programação semanal de filmes além da realização de oficinas de iniciação ci-

* Hermano Figueiredo é presidente do Cine Clube Tirol e chefe do Núcleo de Cinema e Vídeo da FJA.

50 Anos da C. L. T.



* JOSÉ VASCONCELOS DA ROCHA

A Consolidação das Leis do Trabalho, popularmente conhecida como CLT, foi criada através do Decreto-Lei nº 5.542, de 1º de maio de 1943, pelo então Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas. Portanto, já temos meio século de sua promulgação.

No Brasil, como em diversos outros países, existem dois caminhos a serem trilhados quando se observa normas jurídicas esparsas sobre determinado ramo do Direito: instituir um **código** onde surgiriam novos princípios ou seriam alternados alguns, ou desaparecerem todas as leis antigas para imperar somente a lei nova, isto é, o próprio código.

O outro caminho a ser seguido, seria o legislador promover a reunião dos textos legais vigentes e um único ordenamento jurídico, sem, contudo, alterar seu conteúdo e, também, sem ter o caráter de lei nova. A isso, dá-se o nome de Consolidação.

A principal diferença entre ambos, reside no fato de que, no código, apesar de também serem recolhidas as normas jurídicas anteriores, estas surgem sempre como lei nova, passando a vigorar com data certa e alterando o direito até então vigente. Na Consolidação isso não ocorre, pois esta não cria direitos novos e, sim, sistematiza, compila e transcreve leis que passam a vigorar em conjunto ou após a sua republicação.

Alguns autores tecem críticas de como foi feito a Consolidação das Leis

do Trabalho, uma vez que os legisladores não se limitaram a transcrever ou a sistematizar as leis existentes, pois alteraram suas idéias, além de eliminarem trechos que consideravam desnecessários. Por estes motivos, a grande maioria advoga a tese de que a CLT é, na verdade, um código do trabalho e não uma mera consolidação.

Pois bem: como vimos, a CLT foi promulgada quando o Brasil estava sob a égide da malsinada Constituição autoritária de 1937, fase que se estendeu até 1945, denominada de "Estado Novo", fazendo com que, até hoje, muitos a critiquem pelo fato de ter normas corporativistas. As Constituições seguintes, a começar pela de 1946, não trouxeram grandes alterações nas relações de trabalho; após 1964, onde mais uma vez o país viveu sob uma total asfixia das liberdades democráticas, também não trouxe grandes mudanças, já não podemos dizer a mesma coisa da recente Constituição de 1988, pois esta trouxe, de fato, algumas alterações significativas, tais como a negociação coletiva, o direito de greve, autonomia sindical, entre outras. A partir daí, muitos foram os dispositivos consolidados que deixaram de vigorar, pelo chamado princípio da recepção, uma vez que, com a nova Carta, passou a existir uma incompatibilidade com o novo ordenamento constitucional, já que boa parte dela foi revogada, principalmente no tocante a organização sindical e às penalidades cominadas à greve.

Em verdade, a atual CLT tem o modelo intervencionista, que encontra explicação histórica pelo fato de ter sido elaborada numa fase política mundial que influenciou as elites brasileiras. Era a expansão do fascismo na Itália e em Portugal, bem como o nacional-socialismo (nazismo), na Alemanha de Hitler.

Outro ponto importante que podemos ressaltar, foi a influência da legislação sindical, que data de 1939, inspirada na **Carta de Lavoro**, também na Itália.

Enfim, o ponto crucial da questão é que, apesar de reconhecermos que o diploma Consolidado deu uma grande contribuição a classe trabalhadora, o corporativismo que nela é predominante, não pode conviver com a democracia, daí porque a necessidade de uma reformulação da CLT, a fim de se adaptar à nova realidade brasileira, transformando o nosso arcaico modelo de regulação das normas trabalhistas em modernos princípios que hão de integrar a relação capital e trabalho.

José Vasconcelos da Rocha é presidente do Tribunal Regional do Trabalho.

O GALO CONTA

CHISQUITO

O prefeito de Assu, Lourinaldo Soares e o presidente da FJA Iaperi Araújo, mantendo os primeiros contatos para os festejos dos 95 anos do poeta Francisco Amorim, que continua lúcido e escrevendo para o livro "História do RN" que será editado ainda este ano pela F.J.A., uma grande festa a ser comemorada na cidade de Chisquito, Assu, onde certamente receberá homenagens de todos os intelectuais do Rio Grande do Norte.

S. SEBASTIÃO

A exposição em homenagem a S. Sebastião (III) acontecerá de 30 de março a 14 de abril na Biblioteca Pública Câmara Cascudo. Participam Adrovandro, Carla Brutini, Cristina Jácome, David, Eugênio Medeiros, Falves Silva, Gilberto Alves, Iaperi Araújo, Jomar Jakson, Márcio José, Maria Amélia, Marlené Galvão, Max Pereira, Nilton Xavier, Núbia Albuquerque, Olavo Oliva, Paulo Rogério, Pedro Luiz, e ainda Socorro Evangelista, Thomé Filgueira e Zafra Caldas. Artistas paraibanos convidados: Flávio Tavares, Clóvis Júnior e Carlos Djalma.

O GALO

A equipe de O Galo consciente do esforço para publicação desta revista, sente-se gratificada em saber que a última edição foi esgotada. É o resultado de um trabalho integrado com os colaboradores, que empenhados em manter viva a cultura desse Estado e dar a sua parcela de contribuição à sociedade, prova que num país com alto índice de corrupção, imoralidade e descrédito dos que dirigem, por tortos caminhos esse País, quando se quer fazer, faz.

O Galo vai continuar cantando. Agora em edição especial que circulará na Espanha e Portugal, dentro da proposta do Projeto Ibérico. Participaram da reunião para definir seus temas e colaboradores, os conselheiros: Deffilo Gurgel, Edna Duarte, Iaperi Araújo, e como convidados o professor Eduardo Assis (UFRN), e Racine Santos. Edição em português e espanhol.

CEPEJUL

"Cidade do Natal - 1941-1991" - Deverá ser publicado pela CERN até o final do ano. O trabalho é do Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine da FJA. Outro título que deve ser lançado até o final de 94. Outro resultado do trabalho do CEPEJUL é "História da Fundação José Augusto". Em fase de conclusão "História do Futebol Natalense -

1915-1980". Deve ser publicado "História do Teatro Alberto Maranhão", que comemora seus 90 anos. A diretora do TAM, Selma Bezerra, recebendo os originais para posterior publicação.

SESI

Uma "revolução" está acontecendo no Teatro do Sesi de São Paulo. O Teatro Popular do Sesi muda a orientação da sua companhia e convida cinco diretores para montar peças inéditas este ano. Também instituiu o Concurso Nacional Sesi de Dramaturgia, destinado a autores de textos teatrais, com juri presidido por Fernanda Montenegro.

Os diretores convidados foram: Antônio Abujamra, Bia Lessa, Ulisses Cruz, Roberto Lage e Vlademir Capella. O teatro passou por uma reforma e melhorias onde foram gastos US\$ 50 mil.

Estimular a montagem de textos inéditos de autores brasileiros é uma das finalidades do Prêmio Sesi para o Teatro. O primeiro prêmio vai homenagear o dramaturgo Nelson Rodrigues. O presidente da CNI e do Conselho Nacional do Sesi, senador Albano Franco, diz ser dever do Sesi e da CNI incentivar a cultura e os que a ela se dedicam com seriedade, para que os valores nacionais sejam resgatados e tenham participação crescente na vida do país.

O Sesi/DR-RN já está mantendo contato com os grupos de teatro da terrinha divulgando o regulamento do concurso.

COMEMORAÇÕES

A Sociedade Brasileira para Estudo do Cangaço e a Fundação José Augusto realizam durante este ano cinco eventos que terão início no mês de março com a comemoração dos 150 anos de nascimento do Padre Cícero Romão Batista.

O evento será realizado no dia 24 de março, em Juazeiro do Norte, no Ceará, com seminário, exposição e apresentação de filmes.

No mês de junho, dia 11, está programado um seminário que homenageará o cangaceiro Curisco e sua esposa Dadá, falecida recentemente. O evento acontecerá em Mossoró.

Em julho haverá uma exposição de estandartes na Galeria de Arte da Biblioteca Pública Câmara Cascudo, denominada "Abenço meu padim". A exposição lembrará os 60 anos da morte de Padre Cícero, dia 20 de julho.

Para os cinco anos da morte de Luiz Gonzaga, a programação que acontecerá em Mossoró, constará de exposição de discos e seminário.

Finalizando o evento, as entidades preparam um seminário sobre Zumbi,

com apresentação de vídeo do projeto da FJA "grupos Étnicos Negros do RN", a ser realizado na Fundação José Augusto.

TOUROS

A FJA está encaminhando para a Embaixada de Portugal o Projeto do Memorial do Marco de Touros, de autoria do arquiteto João Maurício Fernandes de Miranda. A Fundação solicita a embaixada cooperação para a construção do Memorial, orçado em 60 mil dólares.

A socióloga Kátia Maria Gurgel do Amaral, do Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine, da FJA, realizou estudo sobre o monumento, um dos mais importantes do país. A pesquisa foi resultado de especialização feita na Biblioteca Pública Nacional, no Rio de Janeiro.

CIDADE

A recuperação da Cidade da Criança foi um dos grandes feitos na área cultural e sobretudo no turismo, do Governo José Agripino. Além do Museu do Brinquedo Popular e Estação Ciência, haverá uma mini Casa de Fazenda, com objetos utilizados pelo homem do campo e toda uma área de recreação.

Cultura e lazer juntos proporcionam horas agradáveis a quantos ali visitarem. A Cidade da Criança marcou história na gestão do então governador Alufio Alves, idealizador do projeto.

MERMOZ

O piloto francês Jean Mermoz foi homenageado através do projeto "L Aeropostale", o piloto Bruno Exposito, em um avião monomotor realizou o roteiro de Toulouse, Dakar, Natal, Brasília e Santiago. Refez a rota de Mermoz e serviu de correio para correspondências endereçadas a Santiago, no Chile, e a Toulouse, na França.

O presidente da FJA, Iaperi Araújo, enviou uma carta ao Diretor do Museu Jean Mermoz, localizado em Toulouse e ao responsável pela "Feira Internacional do Ar e do Espaço", que ocorreu em Santiago. A coordenação da promoção foi de Ana Mille.

SESC

O Serviço Social do Comércio DR-RN, através do Centro Cultural de Piracicaba, já está recebendo inscrições dos artistas plásticos "NAIFS" (primitivos ou ingênuos) interessados em participar da Bienal Brasileira de Arte Naif, que será realizada no período de 6 de maio a 5 de junho de 1994. Outras informações na FJA ou SESC local.

O GALO CONTA

CHISQUITO

O prefeito de Assu, Lourinaldo Soares e o presidente da FJA Iaperi Araújo, mantendo os primeiros contatos para os festejos dos 95 anos do poeta Francisco Amorim, que continua lúcido e escrevendo para o livro "História do RN" que será editado ainda este ano pela F.J.A., uma grande festa a ser comemorada na cidade de Chisquito, Assu, onde certamente receberá homenagens de todos os intelectuais do Rio Grande do Norte.

S. SEBASTIÃO

A exposição em homenagem a S. Sebastião (III) acontecerá de 30 de março a 14 de abril na Biblioteca Pública Câmara Cascudo. Participam Adrovandro, Carla Brutini, Cristina Jácome, David, Eugênio Medeiros, Falves Silva, Gilberto Alves, Iaperi Araújo, Jomar Jakson, Márcio José, Maria Amélia, Marlené Galvão, Max Pereira, Nilton Xavier, Núbia Albuquerque, Olavo Oliva, Paulo Rogério, Pedro Luiz, e ainda Socorro Evangelista, Thomé Filgueira e Zafra Caldas. Artistas paraibanos convidados: Flávio Tavares, Clóvis Júnior e Carlos Djalma.

O GALO

A equipe de O Galo consciente do esforço para publicação desta revista, sente-se gratificada em saber que a última edição foi esgotada. É o resultado de um trabalho integrado com os colaboradores, que empenhados em manter viva a cultura desse Estado e dar a sua parcela de contribuição à sociedade, prova que num país com alto índice de corrupção, imoralidade e descrédito dos que dirigem, por tortos caminhos esse País, quando se quer fazer, faz.

O Galo vai continuar cantando. Agora em edição especial que circulará na Espanha e Portugal, dentro da proposta do Projeto Ibérico. Participaram da reunião para definir seus temas e colaboradores, os conselheiros: Deffilo Gurgel, Edna Duarte, Iaperi Araújo, e como convidados o professor Eduardo Assis (UFRN), e Racine Santos. Edição em português e espanhol.

CEPEJUL

"Cidade do Natal - 1941-1991" - Deverá ser publicado pela CERN até o final do ano. O trabalho é do Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine da FJA. Outro título que deve ser lançado até o final de 94. Outro resultado do trabalho do CEPEJUL é "História da Fundação José Augusto". Em fase de conclusão "História do Futebol Natalense -

1915-1980". Deve ser publicado "História do Teatro Alberto Maranhão", que comemora seus 90 anos. A diretora do TAM, Selma Bezerra, recebendo os originais para posterior publicação.

SESI

Uma "revolução" está acontecendo no Teatro do Sesi de São Paulo. O Teatro Popular do Sesi muda a orientação da sua companhia e convida cinco diretores para montar peças inéditas este ano. Também instituiu o Concurso Nacional Sesi de Dramaturgia, destinado a autores de textos teatrais, com júri presidido por Fernanda Montenegro.

Os diretores convidados foram: Antônio Abujamra, Bia Lessa, Ulisses Cruz, Roberto Lage e Vlademir Capella. O teatro passou por uma reforma e melhorias onde foram gastos US\$ 50 mil.

Estimular a montagem de textos inéditos de autores brasileiros é uma das finalidades do Prêmio Sesi para o Teatro. O primeiro prêmio vai homenagear o dramaturgo Nelson Rodrigues. O presidente da CNI e do Conselho Nacional do Sesi, senador Albano Franco, diz ser dever do Sesi e da CNI incentivar a cultura e os que a ela se dedicam com seriedade, para que os valores nacionais sejam resgatados e tenham participação crescente na vida do país.

O Sesi/DR-RN já está mantendo contato com os grupos de teatro da terrinha divulgando o regulamento do concurso.

COMEMORAÇÕES

A Sociedade Brasileira para Estudo do Cangaço e a Fundação José Augusto realizam durante este ano cinco eventos que terão início no mês de março com a comemoração dos 150 anos de nascimento do Padre Cícero Romão Batista.

O evento será realizado no dia 24 de março, em Juazeiro do Norte, no Ceará, com seminário, exposição e apresentação de filmes.

No mês de junho, dia 11, está programado um seminário que homenageará o cangaceiro Curisco e sua esposa Dadá, falecida recentemente. O evento acontecerá em Mossoró.

Em julho haverá uma exposição de estandartes na Galeria de Arte da Biblioteca Pública Câmara Cascudo, denominada "Abençoa meu padim". A exposição lembrará os 60 anos da morte de Padre Cícero, dia 20 de julho.

Para os cinco anos da morte de Luiz Gonzaga, a programação que acontecerá em Mossoró, constará de exposição de discos e seminário.

Finalizando o evento, as entidades preparam um seminário sobre Zumbi,

com apresentação de vídeo do projeto da FJA "grupos Étnicos Negros do RN", a ser realizado na Fundação José Augusto.

TOUROS

A FJA está encaminhando para a Embaixada de Portugal o Projeto do Memorial do Marco de Touros, de autoria do arquiteto João Maurício Fernandes de Miranda. A Fundação solicita a embaixada cooperação para a construção do Memorial, orçado em 60 mil dólares.

A socióloga Kátia Maria Gurgel do Amaral, do Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine, da FJA, realizou estudo sobre o monumento, um dos mais importantes do país. A pesquisa foi resultado de especialização feita na Biblioteca Pública Nacional, no Rio de Janeiro.

CIDADE

A recuperação da Cidade da Criança foi um dos grandes feitos na área cultural e sobretudo no turismo, do Governo José Agripino. Além do Museu do Brinquedo Popular e Estação Ciência, haverá uma mini Casa de Fazenda, com objetos utilizados pelo homem do campo e toda uma área de recreação.

Cultura e lazer juntos proporcionam horas agradáveis a quantos ali visitarem. A Cidade da Criança marcou história na gestão do então governador Alufio Alves, idealizador do projeto.

MERMOZ

O piloto francês Jean Mermoz foi homenageado através do projeto "L Aeropostale", o piloto Bruno Exposito, em um avião monomotor realizou o roteiro de Toulouse, Dakar, Natal, Brasília e Santiago. Refez a rota de Mermoz e serviu de correio para correspondências endereçadas a Santiago, no Chile, e a Toulouse, na França.

O presidente da FJA, Iaperi Araújo, enviou uma carta ao Diretor do Museu Jean Mermoz, localizado em Toulouse e ao responsável pela "Feira Internacional do Ar e do Espaço", que ocorreu em Santiago. A coordenação da promoção foi de Ana Mille.

SESC

O Serviço Social do Comércio DR-RN, através do Centro Cultural de Piracicaba, já está recebendo inscrições dos artistas plásticos "NAIFS" (primitivos ou ingênuos) interessados em participar da Bienal Brasileira de Arte Naif, que será realizada no período de 6 de maio a 5 de junho de 1994. Outras informações na FJA ou SESC local.

A viagem é Um Destino



Dailor Varela

Socorro Trindad*

Viajar: ou se viaja para o passado ou para o futuro. O passado é a escolha do passado. O futuro pode ser tanto a sensação primitiva do olhar escuro quanto o ato de se arquitetar planos possíveis e impossíveis que, por antecipação, violam o presente, surpreendendo e revelando, contra a vontade, tudo aquilo que nunca deveria ser representado porque não tem imagem nem consciência de si próprio — e quando isto ocorre é o futuro.

O presente, cercado de todas as informações, de todas as telas, está em todos os lugares ao mesmo tempo, sem contudo, estar em lugar nenhum.

Viajar era o meio mais eficaz de se ir além do espaço particular, — que restringia o indivíduo a seu desejo, a sua história, a sua experiência, a sua vida, a sua cultura, ao seu mundo de idéias e imagens, e permitia ao sujeito que viaja verificar as contradições dos países e das culturas, o choque das mentalidades e a explosão de novas idéias, do tipo que também caracteriza a ilusão turística. Hoje, viajar é o único meio de se experimentar a sensação de estar em lugar nenhum. A sensação é a mesma em todas as cidades. Aterrar numa nova cidade é encontrar-se aqui de repente e em ne-

nhum outro lugar. O olhar reencontra a imaginação.

Às vezes, os olhares, os gestos amorosos, já têm a distância do exílio antes mesmo de se partir. Quando nos deslocamos já não somos mais os mesmos. A linguagem de repente explode em mil particulazinhas chamadas palavras que têm medo de significar: adeus, até breve ou até nunca mais. O corpo torna-se imediatamente um holograma suave à visão e ao tato, sem endereço, mas utilizando-se ainda do mesmo recado poético: “eu te amo”. O que trazemos de nossas experiências e de nossas paixões misturam-se às experiências de viagem... Todavia, do viajante é exigido que a todo instante ele pratique o exercício crítico da viagem. É o mais belo período do outro.

O que se busca na viagem não é a descoberta nem a troca, mas a desterritorialização — diz Jean Boudrillard. Também não é o encontro nem o reencontro. Talvez a afirmação de uma ruptura entre duas fases da criação, ou duas estações do ano. Mas a viagem não é realmente uma troca de espaços, e sim de tempos, de idades. As auto-estradas, os aeropor-

tos e o desejo do viajante que transcendem os espaços físicos e as distâncias inter-pessoais fazem com que a ausência assumam uma qualidade carnal. Ao segredo da vida privada sucede o aniquilamento pela longitude e pela latitude. Ao longo de um tempo e de um espaço, diversos do tempo e do espaço comuns, o corpo fica cansado de não saber mais onde está. Enquanto isso, o espírito se exalta dessa ausência como de uma qualidade que lhe é própria, numa forma de escapar à ilusão da intimidade.

A utopia da viagem acabou. O outro já não é mais um espelho, no qual eu possa me olhar e vê-lo. O sujeito não chegou a se negar como tal, na perspectiva de uma totalização do mundo. Daí porque não têm mais explicações o espectro fixo de uma estrela ou a variação do vermelho. O fato é que vivemos teoricamente além de nossos próprios acontecimentos. Ou é a melancolia profunda, ou é a felicidade absoluta.

Nesse aspecto, não há diferença nenhuma entre leste, oeste, sul, norte. A grande diferença está no nordeste. O grande jogo. E não vejo a menor chance de acabar essa intolerância que nos separa do resto do país, a qual nenhum progresso na moralidade moderna ou na imoralidade pós-moderna (ou contemporânea, se assim o quiser) conseguiu acabar. Vivemos angustiados quinhentos anos por noite, e bastou que esse segredo fosse revelado para que nos postássemos diante do destino. São muitas as culturas que têm situação mais original do que a nossa. Porém a maioria dessas culturas não têm destino. O nosso destino é a viagem. Quando viajamos nos esquecemos de que só os objetos não lidam com a morte.

A única fotografia que eu fiz de uma pedra deixou-me esta constatação: a vida decepçiona bastante. A morte também. Ao olhar a fotografia de um amigo, a evidência era perfeita.

Para captar esses acontecimentos estranhos é preciso (re) fazer da própria teoria uma coisa estranha. É preciso fazer da teoria um crime perfeito ou um pastiche.

E, onde já não há mais ninguém, deve advir outro, ou o Outro. O computador não tem outro. O outro não é convidado para ser morto. O computador não tem inteligência. Mas faz poesia.

Tudo o que eu disse é um desperado recurso histórico a uma verdade próxima, a uma inocentação póstuma — e isso num momento em que já não há verdade suficiente para se chegar a qualquer verificação, como também já não há história suficiente para instruir qualquer prova histórica do que foi dito e do que se passou. Ou se passa.

* Socorro Trindad, escritora e jornalista (Prof. do Depto. de Comunicação Social/ UFRN).

Onde está o olimpo

da literatura do RN



Dácio Galvão

O tratamento dispensado a nossa literatura, com raras exceções naquilo que significa entendimento, mergulho no manancial é de tremendo maltrato. Excluindo algumas monografias e estudos localizados — como em torno do poeta Jorge Fernandes —, não se aponta metacriticamente para nenhum horizonte promissor.

Inexiste a história da produção literária do Rio Grande do Norte, em suas ambíguas nuances ou gêneros multifacetados dentre contos, poética, romances, crônicas, ensaios e outros. Essa constatação é aferida no plano elementar de uma sistematização de ordem cronológica ou sincrônica — O POEMA NO RN de Moacir Cirne é apenas uma insinuação de um dos capítulos — sem a imersão obviamente, das rupturas dos gêneros e suas interconexões/desdobramentos, inclusive no questionamento do (s) (quase) método (s).

A ciência, verdade não absoluta no campo do conhecimento não busca perenidade mas experimento contínuo, onde o pensamento evolui infinitamente num auto-superar-se constante. Sua contribuição para o entendimento do legado civilizatório do planeta seguramente, abriu um veio incômodo a alguns beletristas aproveitadores que não simpatizam em estudar o assunto com base nas CIÊNCIAS DAS LINGUAGENS, abstendo (sub) ramos disciplinares do contexto analítico de uma obra. Isto é omitir e atribuir dimensão menor a um corpus que açambarca a Filologia, Estilística, Linguística, Morfo-sintaxe, Fonética, Fonologia, Diacronia, Semiótica, Semântica na área da literatura em si. Ou seja, o subjetivismo impressionista há muito decaiu para horror, desespero das “igrejinhas” em torno desse ou daquele autor. A produção literária sobreviverá se fudamentar-se na qualidade inventiva. O mais-médo, patrocínio gratuito —, será efetivamente transitório atendendo a interesses imediatos e oportunistas. É muito mais simples e fácil proceder canonizações abordando a obra-por-inspiração, estabelecendo direta resistência à direção do cabedal científico nos estudos das manifestações culturais contemporâneas transdisciplinares, porque, sendo os desavisados na grande maioria passivos, sequer será discutido o objeto. Então ocorrerá a análise da POÉTICA, por exemplo, na área individual, de quem a produziu priorizando a biografia, vida pessoal, reimprimindo apenas o estigma e o alardeamento, de excentricidade, na tentativa precária de fazer valer a equivocada fórmula, quase unânime, de VIDA-OBRA deixando de lado o “osso duro” ou a obra em si e suas implicações no nível da micro ou macro-estética.

Eis que, a nociva noção de análise pueril, tem-se institucionalizado não apenas mas especialmente na mídia impressa, quando periódicos locais eventualmente escancaram brechas para articulistas despreparados, gerando no marasmo da cidade polêmicas desnecessárias, não construtivas. Os furos, porém, ainda são reparáveis.

* Dácio Galvão é presidente da Fundação Hélio Galvão

A Xilogravura Popular no Ensino da História da Arte

Carlos Newton Júnior (**)



DESENHO: Zenóbio
GRAVURA: Assis Trajano

Na qualidade de professor de História da Arte, sempre tive certa dificuldade para convencer meus alunos de que a Xilogravura popular do Nordeste tem tanta importância, no campo da Arte e da Cultura brasileira, quanto as obras de pintores ou gravadores eruditos famosos, do passado ou nossos contemporâneos. E que, do ponto de vista da Estética, a Beleza da Xilogravura popular não só é legítima, como possui uma ligação profunda com os ciclos de Arte pré-clássicos ou anti-clássicos de todo o Mundo.

Existe, por parte dos alunos, uma certa resistência a tudo aquilo que, de uma forma ou de outra, se afasta do Belo clássico, ou seja, àquelas categorias da Beleza artística que incluem o feio, a desarmonia, o risco ou o grotesco, e que, para a Estética contemporânea, são tão legítimas quanto o Belo. É uma herança ruim que os alunos trazem das escolas e dos livros, onde as formas de Arte popular ou não são mencionadas ou, quando são, aparecem, logo, identificadas como "Primitivas". Isto não acontece apenas em relação às Artes Plásticas, mas a outros gêneros artísticos, inclusive a Literatura. Assim, minhas intervenções, quando trato da Xilogravura popular em aulas de História da Arte, caminham no sentido de trazer aos estudantes elementos para reflexão que possibilitem uma espécie de "visão pelo avesso" de tudo quanto eles entendem sobre Arte e Beleza.

Começamos por refletir sobre uma das afirmações mais importantes que Ariano Suassuna registrou n'*A Onça Castanha e a Ilha Brasil*, ensaio sobre a Cultura brasileira escrito em 1976.

"(...) a visão brasileira da Beleza não pode se esgotar e se explicar com a do Belo clássico, isto é, com aquele tipo especial de Beleza criado a partir do que na Natureza já é belo, e que se caracteriza pela serenidade, pela medida, pela ordem e pela luminosidade serena e racional. A Beleza, para os povos castanhos da Rainha do Meio-Dia em geral — e para os Brasileiros em particular — inclui necessariamente outras categorias mais ásperas, criadas a partir daquilo que, na Natureza, é feio, grotesco e até repugnante". (1)

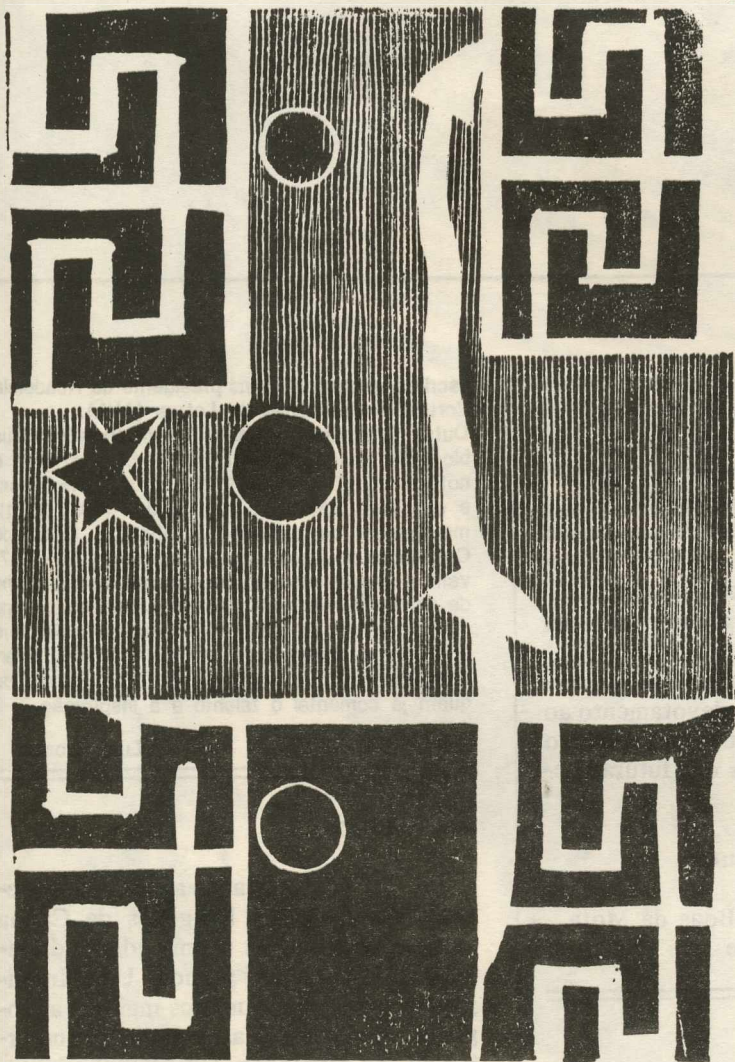
Ora, a Beleza da Xilogravura popular nordestina reside exatamente naquilo que ela tem de contrário à idéia do Belo, às proporções e medidas desse tipo de Beleza tão conhecido e marcante na História da Arte ocidental — não só devido à experiência dos gregos antigos, mas sobretudo pelo fogo grego, chama sempre acesa nas revalorizações dessa experiência em épocas posteriores, como no Renascimento e, mais recentemente, no Neoclássicismo. É importante perceber que, durante muito tempo, na História da Arte, as manifestações artísticas que não se ligaram ao Belo ou mesmo que se afastaram de uma visão mais realista da Arte — a obra como cópia do real — foram sempre tachadas de decadentes ou inferiores.

Segundo Liêdo Maranhão, é um erro pensar que a Xilogravura popular nordestina é muito antiga e teria sido o recurso preferido dos poetas para ilustrar seus folhetos. Os primeiros folhetos eram "sem capa", e a xilogravura nunca teve, para Liêdo, o prestígio e a popularidade das gravuras em zinco, dos cartões postais de amor, das fotografias de artista de cinema. Ainda segundo Liêdo, a Xilogravura não possui nenhuma influência da gravura medieval européia do século XIV; surgiu por circunstância, quando o poeta não conseguiu ninguém para fazer-lhe a gravura em zinco, e parece ter nascido no Crato e Juazeiro, no Ceará. A princípio feita para ilustrar folhetos — a gravura se relacionava com o texto — passou a adquirir vida própria com a encomenda de temas e o interesse de leitores eruditos e alguns estudiosos da Cultura popular. (2)

Mesmo que tenha surgida por circunstância, Liêdo não considera sequer a possibilidade de impulso da Xilogravura popular ter sido proporcionado pelo reconhecimento dos próprios artistas populares do maior valor expressivo da Xilogravura em relação às outras formas de ilustrar folhetos. Seja como for, admitindo-se, para nossa Xilogravura popular, nenhuma influência da gravura medieval européia do século XIV, não é errado, ao meu ver, afirmar o seu parentesco com o Romântico catalão ou português, bem como com outros ciclos de Arte que procuram a Beleza fora dos padrões estéticos tradicionais ligados ao Belo.

Para reforçar a legitimidade das categorias mais ásperas da Beleza, às quais se refere na sua afirmação transcrita há pouco, Ariano Suassuna cita, n'*A Onça Castanha*, o grande escritor barroco brasileiro Mathias Aires, que ao escrever, nas suas *Reflexão sobre a Vaidade dos Homens*, sobre o império tirano da beleza — como ele chamava tudo o que se relaciona hoje à Estética —, afirmou:

"A Arte leva consigo uma espécie de rudeza; a formosura atrai só por si, e não pela sua regularidade; desta sabe afastar-se a natureza, e então é que se esforça e produz coisas admiráveis; do fugir das proporções e das medidas, resulta muitas vezes uma fantasia tosca e impolida, mas brilhante e forte". (3)



É essa fantasia tosca e impolida, brilhante e forte, que encontramos tanto na Xilogravura popular nordestina quanto nos afrescos e retábulos do Romântico ibérico, nas esculturas e máscaras africanas e pré-colombianas, nas cenas de combate e caça talhadas na pedra pelos assírios, ou, voltando ainda mais no tempo, nas pinturas rupestres dos cariris e dos artistas anônimos de Altamira, na Arte enigmática e emblemática de todos os povos que habitaram a primeira manhã do Mundo. Beleza áspera materializada nos traços toscos dessas representações, nos contornos fortes, na ausência da perspectiva ou na perspectiva apenas indicada, nas figuras chapadas, nas cores brilhantes e vivas. Quando são representações pictóricas que se apresentam em um espaço determinado, percebemos a preocupação dos artistas com a ponderação das massas de cor e a distribuição dos elementos nesse espaço, quase sempre atribuindo às composições uma forma fechada que reforça ainda mais a idéia do equilíbrio, deliberadamente procurado e realizado.

Assim, procuro mostrar aos alunos que não existe, na Xilogravura popular nordestina, nada de "primitivo" ou inferior. Até porque a noção de progresso é imprópria para o campo da Cultura e consequentemente da Arte. Não existe desproporção — o que existe é outra proporção, diferente daquela encontrada nos ciclos de Arte clássicos. Percebe-se, na Xilogravura popular, igualdade de tratamento entre a ilustração ou anedótico, ou seja, a preocupação explícita com um conteúdo, um assunto sobre o qual se trabalha — ligado ou não ao folheto, e a plasticidade, a expressão desse conteúdo em uma forma que resulte agradável. A ausência da perspectiva, dos estudos de anatomia, de luz e sombra, não prejudicam em nada a riqueza da expressão e a forma final do que se deseja representar. A forma, entendida como "(...) o princípio ativo, profundo, determinante e enigmático do ser" (4), resultado da imaginação pessoal e criadora

de cada artista, é sempre valiosa, quando se trata, é claro, de um grande gravador popular, independente das condições técnicas, conhecimento acadêmico ou dos materiais expressivos de que dispõe.

O grande gravador popular é um artista em tudo consciente das regras e da riqueza de sua Arte. É artista na acepção mais legítima da palavra, porque, mais do que ninguém, sabe que "(...) toda verdadeira Arte não imita", mas sim "(...) recria, deforma e transfigura a realidade" (5).

Aqui, poderíamos voltar às afirmações de Liêdo Maranhão, quando ele atribui muito mais ao público erudito do que ao popular o impulso que a Xilogravura recebeu e que resultou na sua autonomia em relação à Literatura de cordel, ou seja, na sua passagem das capas dos folhetos para as galerias e paredes dos colecionadores e aficionados. Esta passagem, devida, sem dúvida, ao reconhecimento do valor estético da Xilogravura popular, deve ser analisada, dentre outros fatores, através do fator dimensão enquanto elemento de mudança qualitativa na obra de Arte. Ver uma xilogravura na parede, maior, é muito diferente de vê-la na capa de um folheto de cordel. Daí, talvez, o reconhecimento inicial por parte dos eruditos e um pouco tardio por parte do público leitor de folhetos, mas em momento algum inexistente, creio, por parte dos poetas-gravadores.

Para finalizar, mostro aos alunos como o folheto de cordel serviu de bandeira para o Movimento Armorial, no campo da Literatura, da música e das Artes Plásticas. No caso específico da Xilogravura popular, que ilustra as capas dos folhetos, foi a ela que os gravadores, pintores e escultores armoriais se ligaram e ainda se ligam, procurando refletir, em suas obras, o mesmo espírito mágico e poético, brasileiro e de raiz popular, aquela mesma Beleza áspera e forte que caracteriza não só nossa Xilogravura, como as Artes dos Povos pardos da Rainha do Meio-Dia.

Procurando fazer uma Arte erudita tão nacional quanto à nossa Arte popular, justamente porque ligada espiritualmente a ela, os gravadores e pintores armoriais trazem a marca da fantasia tosca e impolida, brilhante como os esmaltes da heráldica, como uma arma, ou brasão, refletindo brilho sobre o Sol do Nordeste. É uma unidade presente nos contrários de cada artista, cada um com sua individualidade própria: seja na grande gravura de Gilvan Samico — que aprofunda nossa relação com o Romântico ibérico nos rostos dos homens e mulheres que desenha —, seja nas obras dos pintores armoriais da nova geração representada por Romero de Andrade Lima, acadêmico e Linear, ou pela obra mais atormentada, demente e colorida — ou pictórica — desse grande pintor pernambucano que já está dando o que falar, Dantas Suassuna.

- 1 — SUASSUNA, Ariano Vilar. *A Onça Castanha e a Ilha Brasil — Uma Reflexão sobre a Cultura Brasileira*. Tese apresentada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, para concurso à Docência Livre da disciplina História da Cultura Brasileira. Recife, 1976. Datilografada. P. 98.
- 2 — MARANHÃO, Liêdo, *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1981.
- 3 — Citado por SUASSUNA, Ariano. *A Onça Castanha e a Ilha Brasil*. P. 98.
- 4 — SUASSUNA, Ariano Vilar. *Iniciação à Estética*. 2ª Edição. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Ed. Universitária, 1979. P. 229.
- 5 — SUASSUNA, Ariano Vilar. *Iniciação à Estética*. P. 35.

(*) Comunicação apresentada no Seminário *Literatura de Cordel memória — vozes — imagens*. Realizado de 04 a 06 de novembro de 1993, na Fundação Espaço Cultural da Paraíba — João Pessoa.

(**) Carlos Newton Júnior é professor do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).



Cartas

Macaúbas/BA, 28 de abril de 1993

Da: Presidência da FUNDAÇÃO CULTURAL PROF. MOTA.

À: Presidência da FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO (Natal/RN)

Assunto: Congratulações pela comemoração do 30º aniversário de implantação.

Em nome desta Casa e da pessoa do seu presidente, faço chegar à Fundação José Augusto os meus parabéns e a minha espontânea solidariedade aos festejos comemorativos do 30º aniversário de sua implantação.

O Tempo, medida humana e instrumento de Deus, tem sido o grau de vetor das ações que vêm assinalando os 10.950 dias de uma das mais importantes casas de cultura do país, cujos frutos, horizontais e verticais, honram sobretudo a cultura brasileira, fazendo do Rio Grande do Norte e, por conseguinte, do Nordeste, um dos mais fecundos laboratórios de criatividade humana do qual se destacam a vontade inabalável de gerações que se completam, e o firme propósito de gerações que deixaram o arado no meio do campo, numa demonstração da força de vontade e da sede de perfeição.

Não consigo enxergar essa instituição doutra maneira; não consigo analisá-la a não ser por entre os escolhos e as urzes do caminho percorrido — áspero e suave ao mesmo tempo — tudo convergindo para o mister de reinventar o Brasil a partir do exercício vertiginoso de redescobrir e valorizar o nosso patrimônio cultural procurando, fortalecer a nossa identidade, emergente e fugidia, que vem renunciando, apesar dos inúmeros percalços, à condição de "país de eternas aurores".

O Rio Grande do Norte ocupa em minha sensibilidade um espaço de ternura e bem-querer, desde o momento marcado pela convivência com obras de Lufs da Câmara Cascudo e Hélio Galvão, habitantes das paragens do infinito, somado à coetanidade de Veríssimo de Melo, arauto da alma e da fidalguia potiguar; às do Prof. Raul Fernandes, carvalho do saber e da arte de bem ensinar; de Manuel Rodrigues de Melo, o esbanjador da fascinante cultura do Vale do Açu, a referendar o vir a ser do Rio Grande do Norte e do Brasil; ao sortilégio do recado plástico de Iaperi Araújo e do seu primo Getúlio —, cujo trato diário no Planalto Central mostrou a verdadeira dimensão

dos valores potiguares — e de tantos outros que eu bem gostaria de vê-los incorporados à gula incontida das minhas estantes e à insaciabilidade do meu espírito plástico e dos meus olhos empáticos.

Reconheço ser essa Casa o grande marco de historiografia cultural norte-rio-grandense, sem o qual, talvez, a cultura brasileira jamais seria um retrato de corpo inteiro...

Parabéns pela persistência. Parabéns pelo desinteressado devotamento ao Brasil. Parabéns pelo que vem fazendo e pelo que fará em favor das futuras gerações!

Atenciosamente,

Prof. Dr. Ático Vilas-Boas da Mota
Presidente

Prezada Auricéia

Sensibilizado, agradeço a oportunidade que me deu de oferecer a seus leitores de "O Galo", que são muitos, uma página do **HOMEM**, José Augusto, meu saudoso tio.

O agradecimento não é somente deste seu amigo, mas de toda a família. Peço desculpas do não comparecimento à solenidade de lançamento da revista, pois fui padrinho de casamento de um familiar, no Acarf.

Adquiri alguns exemplares na gráfica os quais já enviei para os familiares residentes no Sul.

Muito obrigado, de coração.

Um abraço afetuoso do amigo.

Luiz G. M. Bezerra - Natal

Sra. Editora

Remeto cópia da coluna "Coisas da Vida" de 14/12/1993, do jornalista Oswaldo Lopes de Brito, publicada no Jornal "O Diário", de Ribeirão Preto (SP), onde o titular faz referências a Revista de Cultura "O Galo", editada por você.

• O GALO (ano V - Nº 5 - Novembro/Diezembro). Revista Cultural, editada em Natal, Rio Grande do Norte, apolo do Governo do Estado do RN/ Fundação José Augusto, 34 páginas ilustradas, formato grande (23,5 x 31 cms.), Editora Auricéia A. de Lima, merece a classificação de "Cultural" com suas páginas pontilhadas de temas importantes (literários ou sociais). Traz na capa a fotografia em grande plano de Diógenes da Cunha Lima Filho, o "entrevistado do mês", poeta,

escritor, advogado, atual presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANL).

Outro personagem de suma importância tem sua biografia descrita por Luiz G. M. Bezerra: o notável JOSÉ AUGUSTO (Bezerra de Medeiros) e que teve admirável vida pública (1884-1971), merecedora de estudos. Também a figura do Cel. André de Albuquerque Maranhão (1773-1817) vem a seguir ao lado da história do "Engenho de Cunhaú". Há mais assuntos atraentes como os que tratam de Mário de Andrade e o Folclore potiguar, e poesias, em realce, só para citar, merecidamente, um poema de Luiz Rabelo de quem já comentei o talento e a inspiração.

Um abraço,

Luiz Rabelo

Sra. Editora

Li com bastante atenção a entrevista do professor Diógenes da Cunha Lima, publicada na última edição da revista O Galo. Um primor. Uma inteligência, esse que é um dos maiores advogados do Estado. Fatos da maior importância são revelados. Um trabalho jornalístico que ressalta o profissionalismo dos jornalistas da terra. Sugiro outras entrevistas com intelectuais tais como: Osório Dantas, Anchieta Fernandes, Eli Celso, Dorian Jorge Freire, Abimael Moraes, entre outros. Nomes que contribuem para o desenvolvimento cultural do Estado.

João Inácio Brandão
Centro - Natal

Cara Auricéia.

Aí está uma matéria para ser publicada na revista O Galo. Tentei preencher a lacuna por você concedida.

A foto que acompanha o trabalho fica a seu critério a escolha. Caso não haja espaço para publicação em 1993, fica a decisão com você. Um abraço para o Iaperi. Aqui fico agradecido e as suas ordens.

Saudações Cangaceiras

Paulo Gastão - Mossoró-RN

Sra. Editora

O Galo continua cantando? Gostaria de ser incluída na lista de recebimento dessa revista de cultura. Fico muito grata pela atenção. Endereço: C. P. 11.161 - São Paulo-SP - Cep 05.422-970.

Djanio Pio - SP

Labim/UFRN



Exib. 7434/05



bom dia Natal!
SILVÉRIO AUGUSTO